



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Deise Cléa Leonel

**A ARTICULAÇÃO LABIAL (*MOUthing*) COMO ESTRATÉGIA DE
DIFERENCIAÇÃO DE SINAIS E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS**

Florianópolis
2019

Deise Cléa Leonel

**A ARTICULAÇÃO LABIAL (*MOUthing*) COMO ESTRATÉGIA DE
DIFERENCIAÇÃO DE SINAIS E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Letras Libras, Bacharelado, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Leonel, Deise Cléa

A ARTICULAÇÃO LABIAL (MOUTHING) COMO ESTRATÉGIA DE
DIFERENCIAÇÃO DE SINAIS E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS /
Deise Cléa Leonel ; orientador, Carlos Henrique
Rodrigues, 2019.

63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Libras. 3. Tradução e Interpretação.
4. Língua de Sinais. 5. Mouthing. I. Rodrigues, Carlos
Henrique . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Letras LIBRAS. III. Título.

Deise Cléa Leonel

**A ARTICULAÇÃO LABIAL (*MOUTHING*) COMO ESTRATÉGIA DE
DIFERENCIAÇÃO DE SINAIS E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Letras Libras” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras Libras

Florianópolis, 06 de dezembro de 2019.

Profa. Dra. Débora Campos Wanderley
Coordenadora

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues - Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Dra. Janine Soares de Oliveira – Titular Interno
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Profa. Dra. Rachel Louise Sutton Spence– Titular Interno
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Ms. Danielle Vanessa Costa Sousa – Titular Externo
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Dra. Neiva de Aquino Albres - Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Este trabalho é dedicado aos meus colegas de classe e aos meus queridos pais.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me fortalecido a ponto de superar as dificuldades e por toda saúde que me deu, permitindo-me alcançar esta etapa tão importante da minha vida.

A esta universidade e a toda sua direção pelo ambiente inspirador e pela oportunidade de concluir este curso.

Ao professor Carlos Rodrigues pela orientação incansável, por ter confiado na minha capacidade, pelo empenho e pela confiança que me ajudaram a tornar possível este sonho tão especial.

À minha família: a filha do pescador e da dona de casa chegou na Federal! Em especial à minha mãe Cléa, que sempre me incentivou, ao meu pai José, que sempre me desafiou a ir além; aos meus irmãos, cunhadas e cunhado, que nos finais de semana nos encontrávamos e me renovavam as energias; e aos amigos, em especial, à Maria Elisa Piereck Madalena quem Deus colocou no meu caminho, e à Larissa Helena Pinho, nossa famosa “Sapo”, quem sempre esteve lá.

Às minhas amigas de turma que nunca desistiram de mim e que sempre me ofereceram amor, deixo uma palavra e uma promessa de gratidão eterna.

E finalmente, a todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte do meu percurso, Wharley dos Santos, Vanessa Rizzotto e Aline Iolanda, agradeço a todos com todo meu coração.

- *“Ela vai ter um A.D.P.!!”*.
As Branqueias (2004)

RESUMO

Neste trabalho, estudou-se a articulação labial ou pronúncia (*mouthing*), durante a sinalização em Libras, no intuito de compreender seus usos e funções e de refletir sobre a possibilidade de empregá-la como uma estratégia de tradução quando o texto alvo está em sinais. Considerando isso, enfocou-se o uso da pronúncia junto a alguns sinais da Libras, a qual, ao oferecer palavras visualmente por meio dos movimentos da boca, coopera na construção de sentido para as sentenças sinalizadas guiando sua compreensão. Para tanto, aplicou-se um questionário on-line para participantes sinalizantes das Comunidades Surdas. Obtivemos 64 respostas que foram devidamente categorizadas e analisadas. Vimos a importância da pronúncia que acompanha os sinais para a ampliação, especificação e/ou desambiguação de informações e concluímos que pode ser usada como uma profícua estratégia na tradução e interpretação do Português para a Libras, visto que coopera com a compreensão dos interlocutores, especificando e desambiguando sinais e/ou restringindo possibilidades de atribuição de sentidos.

Palavras-chave: Tradução; Interpretação; Língua de Sinais; *Mouthing*.

ABSTRACT

In this work, we studied the mouth articulation, also known as ‘mouthing’, within signing in Libras, in order to understand its uses and functions and to reflect on the possibility of using it as a translation strategy when the target text is in sign language. Considering this, we focused on the use of pronunciation along with Libras signs, which offers visual words through mouth movements and cooperates in the construction of meaning for the signed sentences. An online questionnaire was applied to participants from Brazilian Deaf communities and we obtained 64 responses that were categorized and analyzed. We have seen the importance of the pronunciation that accompanies the signs for amplification, specification and / or disambiguation of information and we conclude that it can be used as a useful strategy in the translation and interpretation of Portuguese to Libras, as it cooperates with the interlocutors understanding, because it specifies and disambiguates signs and / or restricts possibilities of meaning.

Keywords: Translation, Interpreting; Sign Language; Mouthing.

Link Youtube: <https://youtu.be/C6cZy5ZcIyo>

QR CODE 1: Resumo em Libras



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL - *American Sign Language*

CODA - *Child of Deaf Adults*

TILS – Tradutor/ Intérprete de Língua de Sinais

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Proficiência em Libras.....	36
Tabela 2 - Formação Específica	37
Tabela 3 - Experiência como Tradutor e/ ou Intérprete.....	37
Tabela 4 - Escolhas de tradução do vídeo 1A	39
Tabela 5 - Escolhas de tradução do vídeo 1B.....	41
Tabela 6 - Escolhas de tradução dos vídeos 1A e 1B.....	41
Tabela 7 - Escolhas de tradução do vídeo 2A	43
Tabela 8- Escolhas de tradução do vídeo 2B.....	45
Tabela 9 - Escolhas de tradução dos vídeos 2A e 2B.....	45
Tabela 10 - Escolhas de tradução do vídeo 3A	47
Tabela 11 - Escolhas de tradução do vídeo 3B.....	49
Tabela 12 - Escolhas de tradução dos vídeos 3A e 3B.....	50
Tabela 13 - Escolhas de tradução do vídeo 4A	51
Tabela 14 - Escolhas de tradução do vídeo 4B.....	53
Tabela 15 - Escolhas de tradução dos vídeos 3A e 3B.....	54
Tabela 16 - Comparativa de participantes surdos, tradução dos vídeos 1A e 1B.....	55
Tabela 17 - Comparativa de participantes surdos, tradução dos vídeos 2A e 2B.....	55
Tabela 18 - Comparativa de participantes surdos, tradução dos vídeos 3A e 3B.....	56
Tabela 19 - Comparativa de participantes surdos, tradução dos vídeos 4A e 4B.....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - A faixa etária dos respondentes	35
Gráfico 2 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 1A)	40
Gráfico 3- O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 1B)	42
Gráfico 4- O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 2A)	43
Gráfico 5 -O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 2B)	46
Gráfico 6 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 3A)	48
Gráfico 7 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 3B)	50
Gráfico 8 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 4A)	52
Gráfico 9 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 4B)	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre línguas vocais e de sinais:	21
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- O foco do estudo: o mouthing e suas funções	29
---	----

LISTA DE QR CODE

QR CODE 1 - Vídeo 1A:	39
QR CODE 2 - Vídeo 1B:.....	40
QR CODE 3 - Vídeo 2A:	42
QR CODE 4 - Vídeo 2B:.....	44
QR CODE 5 - Vídeo 3A:	47
QR CODE 6 - Vídeo 3B:.....	49
QR CODE 7 - Vídeo 4A:	51
QR CODE 8 - Vídeo 4B:.....	53

Sumário

1 INTRODUÇÃO	16
2 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 Questões preliminares sobre nosso par linguístico: Libras-Português	19
2.2 As Línguas e suas modalidades.....	21
2.3 Os Marcadores não manuais nas Línguas de Sinais	22
2.4 Afinal, de que movimentos de boca estamos falando?	23
3 O PERCURSO METODOLÓGICO DESTA PESQUISA	31
3.1 O questionário de coleta de dados.....	32
4 REPRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	34
4.1 Perfil dos participantes	34
4.2 Primeiro ciclo de vídeos: 1A e 1B	38
4.3 Segundo ciclo de vídeos: 2A e 2B	42
4.4 Terceiro ciclo de vídeos: 3A e 3B.....	46
4.5 Quarto ciclo de vídeos: 4A e 4B	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

*Os falantes gesticulam com suas mãos, e os sinalizantes com sua boca.*¹
Sandler (2009, p. 241) tradução minha

Assim como qualquer outra língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) — língua de boa parte das comunidades surdas brasileiras segundo o atlas linguístico *Ethnologue*² — é completa, complexa e possui uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise. Contudo, as línguas de sinais não são línguas de modalidade vocal-auditiva (i.e., produzidas por meio de sinais acústicos e percebidas pela audição), e, sim, de modalidade gestual-visual (ou como alguns preferem, visual-espacial ou gestual-espacial), isto é, são produzidas através do movimento do corpo no espaço — braços, mãos, face — e percebidas pela visão (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS, KARNOPP, 2004).

É importante mencionar que a Libras possui todos os componentes necessários à confirmação de seu *status* de língua e, portanto, apresenta diversos fenômenos linguísticos, inclusive alguns que não podem ser observados nas línguas de modalidade vocal-auditiva, tais como as expressões faciais gramaticais, o destaque à simultaneidade, a exploração do espaço na articulação da língua, uma produtiva iconicidade, a possibilidade de sobreposição de línguas (*code-blending*) etc. Podemos considerar também o intenso uso de articuladores não-manuais (movimento de cabeça, piscada de olhos, expressões faciais, movimento do tronco, direcionamento do olhar etc.) como um importante recurso de construção de sentidos nas línguas de sinais.

Considerando a especificidade das línguas de sinais, de modalidade gestual-visual, enfocaremos o uso da marcação não-manual, especificamente daquela feita com a boca, para a construção de sentidos, para a significação e/ou para a desambiguação de sinais. É importante explicar que o movimento da boca em línguas de sinais pode ser realizado como (i) um morfema que compõe o sinal, sem nenhuma relação com as línguas vocais-auditivas ou (ii) como a articulação/pronúncia parcial ou completa de uma palavra, ou seja, por meio de sua vocalização ou oralização, a qual é decorrente de uma língua vocal-auditiva (BOYES BRAEM, SUTTON-SPENCE, 2001; SANDLER, 2009; RODRIGUES, MEDEIROS, 2016).

¹ *Speakers gesture with their hands, and signers gesture with their mouths.*

² *Ethnologue: Languages of the World* é uma publicação que contém estatísticas de mais de seis mil línguas, conforme sua 15ª edição com dados relacionados a número de falantes, localização geográfica, dialetos, genética e outros dados semelhantes. Fonte: <https://www.ethnologue.com/>

Portanto, neste trabalho de conclusão de curso, nosso foco está no uso da pronúncia junto a alguns sinais da Libras, a qual, ao oferecer *palavras visualmente por meio dos movimentos de boca*, que neste texto serão tratadas como palavras visuais (RODRIGUES, MEDEIROS, 2016), coopera com a compreensão dos interlocutores, especificando e desambiguando sinais e/ou restringindo possibilidades de atribuição de sentidos. Partindo dessa premissa, buscamos atestar a importância da pronúncia ou articulação labial que acompanha os sinais (*mouthing*), no intuito de compreender seus usos e funções e de refletir sobre a possibilidade de usá-la como uma estratégia de tradução/interpretação quando o texto alvo é em língua de sinais, no nosso caso, em Libras.

No primeiro tópico, apresentamos nossa revisão bibliográfica e a base teórica que consideramos ser importante para o estudo. Assim, iniciamos com a apresentação da proposta da pesquisa e breves considerações teóricas para delimitação do tema, ou seja, apresenta-se a definição dos objetivos e da questão de pesquisa. Portanto, partimos da seguinte questão: o uso do *mouthing*, enquanto pronúncia/oralização/articulação de palavras visuais, o qual é realizado concomitantemente à sinalização, pode se constituir como um elemento central à construção do sentido que se pretende para o texto em Libras?

Nessa perspectiva, (i) diferenciamos e definimos dois tipos de movimentos de boca em línguas de sinais (i.e., *mouth gesture* e *mouthing*), a partir de literatura especializada; (ii) estudamos as diferentes funções que a articulação labial de palavras pode ter na construção de sentidos e diferenciação de sinais; e, por fim, (iii) apresentamos uma reflexão sobre a produtividade que a articulação labial de palavras tem como uma estratégia tradutória e/ou interpretativa intermodal, quando a língua alvo é a língua de sinais.

Ainda no primeiro tópico discorreremos, com base nos autores elencados para esta discussão, algumas características das línguas sinalizadas, isto é, as línguas com modalidade gestual-visual, apresentando uma proposta de comparação, partindo das características de produção da Libras, frente às línguas vocais, isto é, línguas com de modalidade vocal-auditiva (RODRIGUES, 2018). No decorrer do texto, temos a informações acerca dos marcadores não manuais das línguas gestuais-visuais e, finalmente, passamos a ponderar sobre a(s) forma(s) de uso(s) do *mouthing* nestas línguas, apresentando algumas pesquisas que já foram publicadas sobre a referida temática.

No próximo tópico, apresentamos o desenho metodológico, demonstrando os passos para coletar os dados para a pesquisa. Cabe ressaltar que nossa investigação teve um enfoque qualitativo de abordagem com foco em uma pesquisa bibliográfica. Neste sentido, aplicamos

um questionário on-line, através do *Google Forms*, delimitando o perfil dos participantes, tanto surdos falantes de Libras quanto Tradutores/Intérpretes de Libras-Português (TILSP).

No tópico seguinte, demonstramos as percepções e análises sobre os dados coletados categorizando-os de forma que pudéssemos responder à questão norteadora da pesquisa. Ao fim das análises, partimos para as considerações finais e suposições sobre os resultados obtidos.

Por fim, vale mencionar que o intuito foi oferecer uma discussão que pudesse contribuir com os estudos linguísticos e tradutológicos relacionados ao processo de tradução intermodal (RODRIGUES, 2018). Assim, esperamos que esse tipo de reflexão possa ser aprofundada por meio de pesquisas que visem discutir diferenciação semântica com o uso de estratégias não manuais, nesse caso, o uso de *mouthings*.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, discutiremos os conceitos que permeiam esta pesquisa. Começaremos, na primeira subseção, com questões preliminares sobre o par linguístico Libras-Português quanto às suas características, semelhanças e diferenças. Na segunda subseção, abordaremos a modalidade de língua, no que se refere à sua produção e recepção. Na terceira subseção, analisaremos os marcadores não manuais presentes na língua de sinais. E, por fim, na quarta subseção, enfocaremos a articulação labial, pronúncia de palavras visualmente (*mouthing*).

2.1 Questões preliminares sobre nosso par linguístico: Libras-Português

As Comunidades Surdas brasileiras vivem imersas numa situação específica de bilinguismo, na qual elas lidam, o tempo todo, com a Libras e com o Português, no mínimo. O intenso contato da entre essas línguas, faz com que a Libras, de modalidade gestual-visual, possa ser influenciada por algumas estruturas do Português, bem como pelo seu léxico. Como observamos na produção de novos sinais da Libras que apresentam certa influência com seu respectivo equivalente no Português, sendo evidenciados a partir da datilologia³.

Além disso, muitas vezes, a datilologia, os sinais soletrados e diversos outros sinais são acompanhados por “palavras visuais”, as quais são levadas à Libras por meio da articulação labial, dos movimentos de boca, ou seja, de sua pronúncia. Desta maneira, considerando que os movimentos de boca estão presentes na produção linguística, independente da modalidade de língua (i.e., se ela é gestual-visual ou vocal-auditiva), objetivamos estudar como os movimentos de boca, encontrados nas línguas de sinais e decorrentes das línguas vocais⁴ (i.e., *mouthings*, em Português, “pronúncia/ oralização/ articulação labial”), influenciam a compreensão de sentenças em Libras e orientam sua tradução para o Português.

Ferreira-Brito (1995) explica que o vocabulário da Libras, assim como o léxico de qualquer outra língua, como, por exemplo, o da língua portuguesa, é interminável no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras, justamente por ser uma língua viva e

³ A datilologia é um sistema de representação, quer simbólica, quer icônica, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio das mãos, como vemos em Bonet (1930).

⁴ Optou-se por utilizar os termos línguas vocais e línguas de sinais ou gestuais. Essa opção visa evitar a confusão entre o uso do termo oral como referência a língua em uso, independente da modalidade.

se atualizar conforme as necessidades de seus falantes. Um exemplo clássico de empréstimo do Português para a Libras, apresentado por Ferreira-Brito (1995), é o sinal para o conceito “Linguística”.

Somente à medida que os surdos foram se inteirando do que se faz em Linguística e sobre o que se trata nesta disciplina é que houve a necessidade de se gerar um sinal específico para esse conceito. Sendo assim, o sinal [LINGUÍSTICA] não é a soletração da palavra em português, porém tem um vestígio de empréstimo do vocábulo em português, porque a configuração de mão escolhida para sua sinalização é L (apenas os dedos polegar e indicador estendidos), uma configuração própria da Libras que costuma representar a letra “L” no alfabeto manual. Assim, o sinal [LINGUÍSTICA] é realizado com as duas mãos, palmas para baixo com o polegar de uma mão quase tocando o da outra, na frente a boca, fazendo os movimentos de rotação positiva e de translação retilínea para os lados (FERREIRA-BRITO, 1995).

Outro aspecto que podemos destacar é a categoria dos “sinais soletrados”, que utilizam o alfabeto manual numa determinada velocidade e seleção de configurações de mãos para o sinal em Libras, o qual tem relação direta com a palavra em Português. Todavia, vale mencionar que os sinais se ajustam “minimamente às restrições da língua” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 90). Isso acontece porque os empréstimos, por meio de soletração manual, transgrediriam as exceções na mudança de configuração de mãos (CM), logo as mudanças nesses sinais-empréstimos sucederiam com o decorrer do uso e do tempo, por uma certa acomodação para boa formatação das regras sistêmicas de cada língua de sinais. Um exemplo seria a palavra “nunca” que passou da soletração manual N-U-N-C-A para N-C-A e, então, para N-U-N-U com um grau maior de nativização. Assim, as palavras que podem ser soletradas utilizando a datilologia não estão à parte “dos sinais nativos da língua de sinais brasileira; antes, as restrições formacionais propostas para sinais nativos aplicam-se também, em vários graus, às formas soletradas manualmente e ao léxico não nativo” (QUADROS, KARNOPP, 2004, p.92).

Com esses aspectos iniciais claramente definidos e estruturados, partimos para o levantamento bibliográfico e aprofundamento do nosso aporte teórico.

2.2 As Línguas e suas modalidades

É importante entendermos, de antemão, que as línguas humanas podem se manifestar por meio de duas modalidades diferentes. Neste trabalho, entendemos que a modalidade de língua se refere aos modos de produção e recepção das línguas, ou seja, aos “sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais a fonética de uma língua se realiza” (MCBURNEY, 2004, p. 351 apud RODRIGUES, 2018, p. 114). Portanto, as línguas podem ser produzidas numa modalidade vocal-auditiva (i.e., por meio de sinais acústicos recebidos pela audição) ou gestual-visual (i.e., por meio de sinais “corpóreo-visuais” recebidos pela visão).

Quadro 1 - Diferenças entre línguas vocais e de sinais:

LÍNGUAS VOCAIS	LÍNGUAS DE SINAIS
Produção interna ao corpo	Produção externa ao corpo
Articuladores bem menores que os das línguas de sinais	Articuladores muito maiores que os das línguas orais
Articulação praticamente invisível	Articulação visível
Vinculadas diretamente à respiração	Não vinculadas ou pouco vinculadas à respiração
Braços e mãos disponíveis durante a produção da língua	Trato vocal disponível durante a produção da língua
Consolidam-se em sinais acústicos	Consolidam-se em sinais gestuais
Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) menor	Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) maior
Têm como meio basicamente o tempo, sendo unidimensionais	Têm como meio a junção tempo-espaço, sendo multidimensionais
Dependem de recepção auditiva (dependência da propagação de sons)	Dependem de recepção visual (dependência da disponibilidade de luz)
Mais antigas e de longo interesse da Linguística	Mais jovens e de recente interesse da Linguística

Fonte: Rodrigues (2018, p. 115).

Como observamos, no quadro apresentado acima (Quadro 01), as duas modalidades de língua contrastadas possuem características específicas, as quais estão vinculadas à sua articulação e recepção. Essa diferença fundamental traz implicações não apenas fonéticas ou fonológicas, mas, inclusive, em outros níveis, a saber, no morfológico, no sintático, no semântico e no pragmático.

Portanto, das características distintas, pode-se dizer que a principal seria sua forma de produção: (i) as línguas vocais possuem produção interna e dependente do aparelho fonador, pois quando falamos vocalmente, produzimos uma corrente de ar que sai dos pulmões e vai até a cavidade oral, passando por vários órgãos e estruturas fisiológicas. Assim, os sons da fala vocal são produzidos quando órgãos e estruturas agem sobre essa corrente de ar; (ii) já as línguas gestuais têm uma produção externa, a qual depende da mobilidade do corpo por meio de seus membros (braços, mãos, dedos, tronco, face, olhos e boca). Os movimentos do corpo no espaço são dependentes de luz e se combinam para formar os sinais da língua.

Além desta diferença básica e totalmente vinculado a ela está o modo por meio do qual as línguas de sinais e as línguas vocais são percebidas pelos interlocutores. Enquanto as línguas vocais dependem da percepção auditiva, as de sinais dependem de percepção visual. Nesse sentido, as línguas gestuais necessitam de luz para serem percebidas e as línguas vocais necessitam de um espaço em que o som possa propagar-se.

É importante considerarmos, assim como destaca Cuxac (2001), que a visualidade, apresentada e demandada pelas línguas modalidade gestual-visual, contribui para que a estrutura gramatical dessas línguas de sinais seja bem distinta da estrutura das línguas vocais, já que estas línguas exploram o efeito visual proporcionado pelo uso sistematizado do espaço, pela iconicidade, pela corporeidade, pelas representações de descrição imagética, pela simultaneidade, entre outros. Essas marcas estão presentes em todos os enunciados pragmático-conversacionais em línguas de sinais.

2.3 Os Marcadores não manuais nas Línguas de Sinais

As línguas podem ser estudadas a partir de diferentes perspectivas. Nesse sentido, podem ser enfatizados os aspectos gramaticais, os fonológicos, os morfológicos, os semânticos, os sintáticos e os pragmáticos, entre outros. Pode-se considerar, além disso, que as línguas possuem certos marcadores temporais, gramaticais, de gênero, de pessoa, de número etc. As línguas de modalidade gestual-visual, assim como as de modalidade vocal-auditiva, possuem marcadores linguísticos quanto discursivos, por exemplo.

Segundo Pêgo (2013, p. 48), no início dos estudos das *American Sign Language* (ASL), isto é, a Língua Americana de Sinais pois, Stokoe et al. (1965) já haviam discorrido sobre o fato de que algumas expressões faciais realizavam uma função importante nas

produções linguísticas. Argumentava o autor que para que questões do tipo sim/não fossem reconhecidas como tais, elas, necessariamente, precisavam ser acompanhadas de uma expressão facial e posição de cabeça marcadas. Diante disso, pode-se entender que muitos sinais são compostos por marcadores, tais como as expressões faciais/corporais ou ainda do uso da boca (a pronúncia silenciosa de “palavras visuais”).

Na Libras temos, por exemplo: (i) marcadores de concordância de gênero para pessoas, animais ou coisas; (ii) marcadores de referência, que delimitam o tempo da fala, como os marcadores sinalizados de [PASSADO], [PRESENTE] e/ou [FUTURO]; (iii) os marcadores de aspecto, que podem ser encontrados nas flexões verbais, entre outros, pois para a análise da marcação do aspecto na Libras deve-se considerar:

[...] ‘quantização’ dos argumentos verbais. Ou seja, a referência temporal/aspectual na Libras se organiza pela concatenação ou composição de diferentes marcas e operadores, cujo escopo se estabelece sobre uma sentença ou sobre sentenças interligadas, nos casos de subordinação e coordenação, na dependência de questões semânticas, sintáticas e pragmáticas. (FINAU, 2004, p. 61).

Os valores semânticos temporais e aspectuais, além das flexões gramaticais (movimentos, configuração de mão, expressões faciais, articulação de braço), constituem uma análise composicional. Segundo Felipe (2006 apud PÊGO, 2013), os parâmetros fonológicos: configuração de mão, movimento, direcionalidade, ponto de articulação e os marcadores não manuais, quando combinados, correspondem a morfemas lexicais ou gramaticais. Todos esses seriam marcadores linguísticos. Além disso, é importante destacar que os marcadores em Libras podem explorar tantos recursos manuais quanto não manuais.

2.4 Afinal, de que movimentos de boca estamos falando?

Iniciamos destacando que tanto as línguas de modalidade gestual-visual, assim como as línguas de modalidade vocal-auditiva, possuem movimentos de boca. Entretanto, esses movimentos têm funções diferentes e são realizados conforme as possibilidades que cada uma dessas modalidades oferece. Nas línguas de sinais, o *mouthing* — pronúncia/ oralização/ vocalização — seria a produção de sílabas e/ou palavras visuais por meio de sua articulação labial concomitante à sinalização. Isto é, os sinalizantes — ouvintes ou surdos, nativos ou

não nativos, adultos ou crianças —, muitas vezes, pronunciam a palavra de uma língua vocal ou parte dela enquanto estão realizando um determinado sinal.

Essa pronúncia não inclui, necessariamente, a emissão de sinais acústicos, mas, apenas, a articulação dos lábios. Nesse sentido, alguns autores denominam essa pronúncia como a produção de *palavras visuais* (RODRIGUES, MEDEIROS, 2016). É importante entender, assim como destaca Sandler (2009, p. 266, tradução minha) que “a pronúncia [*mouthings*] torna-se parte do sistema linguístico das línguas de sinais e não é apenas um empréstimo isolado de um a língua falada”, além disso “a quantidade de pronúncias [*mouthings*] varia de língua de sinais para língua de sinais”.⁵

Segundo Boyes Braem e Sutton-Spence (2001), há diferentes usos da boca nas línguas de sinais, os quais podem ser classificados de acordo com sua origem: (i) **não empréstimos** de uma língua vocal ou (ii) **empréstimos** de uma língua vocal. Com base nessa diferenciação básica, pode-se falar em (i) *movimentos de boca correspondentes à articulação de palavras visuais* simultaneamente aos sinais — essas palavras são alheias às línguas de sinais por serem advindas das línguas vocais —, em contraposição aos (ii) *movimentos de boca como componentes fonéticos dos sinais* — próprios às línguas de sinais, não tendo relação com as línguas vocais.

Os estudos sobre as línguas de sinais têm apontado uma distinção entre dois tipos de movimentos de boca nas línguas de sinais: (i) os *mouthings*, compreendidos como aqueles movimentos da boca, presentes nas línguas de sinais, que são derivados da pronúncia das línguas orais, que são um tipo de palavra visual; e (ii) os *mouth gestures*, definidos como aqueles movimentos próprios da boca, componentes orais presentes nas línguas de sinais, que não possuem correspondência direta com a pronúncia das línguas orais, e que são um tipo de gesto idiomático inerente às línguas de sinais. (RODRIGUES E MEDEIROS, 2016, p. 7).

Vale lembrar aqui que o fenômeno, ao qual estamos nos referindo, não diz respeito ao uso de movimentos de boca próprios dos sinais, os quais são conhecidos como morfemas boca (*mouth gesture* ou *mouth component*), mas, sim, à vocalização, à articulação oral das palavras, que têm como referência a pronúncia das palavras em uma língua vocal. Assim sendo, os “gestos de boca” são aqueles movimentos de boca utilizados na comunidade surda como partes intrínsecas a um determinado sinal, os quais não podem ser eliminados sem

⁵ [...] *mouthings* enters into the sign language linguistic system, and is not just a sporadic borrowing from the spoken language. The amount of *mouthings* varies from sign language to sign language [...]

afetar foneticamente o sinal (BOYES BRAEM, SUTTON-SPENCE, 2001). Bickford e Fraychineaud (2008) categorizam os morfemas-boca de acordo com o seu *status*: a boca é utilizada como parte inerente de sinais manuais específicos ou ela é utilizada como um morfema independente passível de combinações com sinais manuais. Portanto, os morfemas boca (*mouth gesture*) e a articulação de palavras juntos aos sinais, isto é, a pronúncia (*mouthing*) são distintos. Além disso, é importante que não se confunda essa articulação de palavras junto aos sinais com o uso de português sinalizado.

É importante explicar aqui o que seria o português sinalizado. Considerando-se a diferença de modalidade, é possível que se siga a estrutura da língua de modalidade vocal-auditiva aplicando a ela sinais da língua de modalidade gestual-visual. Dito de outro modo, é possível fazer um sinal para cada palavra do Português, oferecendo-o com o apoio visual dos sinais. O Português Sinalizado, assim como os demais sistemas sinalizados, e visto, muitas vezes, forma pejorativa já que sempre uma língua é apresentada em detrimento de outra.

Como não existem na língua de sinais componentes da estrutura frasal do português (preposição, conjunção etc.), são criados sinais para expressá-los. Além disso, utilizam-se marcadores de tempo, de número e de gênero para descrever a língua portuguesa através de sinais. A isto se chama de português sinalizado [...] o que existe [...] é um ajuste da língua de sinais à estrutura da língua portuguesa. (DORZIAT, 2004, p. 04)

Os sistemas sinalizados são conhecidos também como “bimodalismo”, já que se oferecem as duas línguas ao mesmo tempo como uma mescla de duas modalidades. Essa prática bimodal foi e, em alguns casos, ainda tem sido aplicada aos processos de ensino-aprendizagem das pessoas surdas. O bimodalismo é um sistema artificial baseado no uso concomitante das duas modalidades de língua, a vocal-auditiva e a gestual-visual, sendo que uma serve de apoio para outra.

Entretanto, como afirma Quadros (1997), com base em Duff (1987), o Português Sinalizado ou o bimodalismo são “sistemas artificiais”, que são usados pelo grupo majoritário para adequar a necessidade de uma imposição da língua vocal-auditiva sobre a língua gestual-visual. Portanto, os sistemas sinalizados são aqueles em que se aplicam sinais à estrutura da língua vocal criando um meio de apoiar a compreensão da fala vocal com o uso de sinais. Um de seus objetivos é facilitar a comunicação e a aquisição do português pela criança surda, visando que tenham um melhor desempenho na leitura e na escrita.

Um exemplo de frase pronta em Português que pode ilustrar a diferença entre o Português Sinalizado e a Libras é a sentença: “Eu vou para casa”. Em Português Sinalizado, comumente se realiza a pronúncia integral da frase, ao mesmo tempo em que se sinaliza [EU-IR-PARA-CASA]. Nessa frase, temos um sinal correspondente a cada palavra seguindo a ordem da sentença em português. Além disso, vemos o sinal [PARA], o qual não é utilizado na sinalização natural da Libras, exceto em casos muito específicos (tal como a explicação de uso da preposição para em Português). Em Libras, a sentença acima poderia ser feita da seguintes maneira: [CASA-EU-CHEGAR], explorando-se o espaço para localizar o sinal de casa e para fazer o sinal de “vou (chegar)” do corpo (eu) em direção ao local no espaço onde o sinal de casa foi feito.

No caso do Português Sinalizado, a língua de sinais perde diversos de seus marcadores, já que ela é, inclusive, linearizada. Assim, importantes recursos da língua de sinais, tais como os classificadores, deixam de fazer parte da produção linguística gestual-visual por não terem uma correspondência direta no Português. Portanto, além de excluir as representações espaciais que compõem a língua de sinais, outros aspectos linguísticos, importantes à construção de sentido, tais como os morfemas boca, são postos de lado. Nessa perspectiva, a articulação labial, ou seja, a pronúncia, se sobrepõe a língua de sinais tornando-se o aspecto central da produção linguística que mescla as duas línguas.

De modo geral, a pronúncia de uma palavra da língua vocal junto aos sinais é uma das muitas maneiras em que a boca ou, mais especificamente, os movimentos de boca são usados concomitantemente à articulação do sinal como um recurso visual independente da produção de som. Embora não esteja necessariamente presente em todas as línguas de sinais, nem seja empregado por todos os sinalizantes, a articulação labial (*mouthing*) pode ser um elemento essencial (isto é, fonêmico) de um signo de modalidade gestual-visual, distinguindo palavras/expressões/termos/conceitos que, sem a sua presença, poderiam ser “homófonos”, ou seja, produzidos exatamente da mesma maneira, sem nenhum traço diferenciador.

Embora se possa argumentar que tal articulação labial tem uma forte influência de uma educação oralista, na qual o indivíduo surdo sinalizante apreendeu a usar conjuntamente sinal-palavra (pronúncia da palavra), preferimos assumir que essa é uma possibilidade decorrente do contato de falantes de línguas de diferentes modalidades. Nesse sentido, a articulação labial da palavra é um marcador manual importante nas línguas de sinais. Tal marcador pode ser usado com diferentes propósitos, sendo que, em alguns casos, ele pode inclusive ocupar o lugar de um sinal.

Vejamos um exemplo de como a articulação labial pode ser usada em Libras como uma forma de diferenciar o uso de determinadas construções e assim guiar o modo como o sinalizante quer que elas sejam entendidas por seu interlocutor. Na seguinte frase simples em Libras: [EU CASA AQUI], o sinal [CASA] pode ser interpretado, pelo menos, de duas maneiras: (1) “Minha casa é aqui” ou (2) “Eu moro aqui”. Na primeira possibilidade, o sinal [CASA] está sendo entendido como um substantivo, já no segundo como um verbo. Se eu quero que meu interlocutor entenda essa frase de um modo específico, eu posso realizar o sinal de casa junto a alguma palavra visual (i.e., pronunciar “casa” junto ao sinal [CASA] ou pronunciar “morar” junto ao sinal [CASA]).

Em conformidade com Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1097), surdos e ouvintes — brasileiros, neste caso específico — partilham de elementos culturais de sua nacionalidade comum e, provavelmente, há uma significativa influências de uma língua sobre a outra, já que as duas línguas são utilizadas num mesmo ambiente geográfico. Libras e Português, no entanto, são línguas de diferentes modalidades, como já explicado anteriormente, cujos respectivos sistemas linguísticos apresentam formas específicas, características de cada modalidade. De qualquer forma, precisamos levar em conta que

[...] a comunidade surda compõe um segmento de minoria linguística que faz uso de uma língua ágrafa, em que pesem esforços de desenvolvimento de um sistema gráfico. No processo de escolarização, os surdos aprendem a modalidade escrita do português, e a Libras não é componente curricular obrigatório da educação básica. Esse conjunto de fatores aponta para a possibilidade de uma ampla influência do português sobre a Libras. (RODRIGUES, BAALBAKI, 2014, p. 1097).

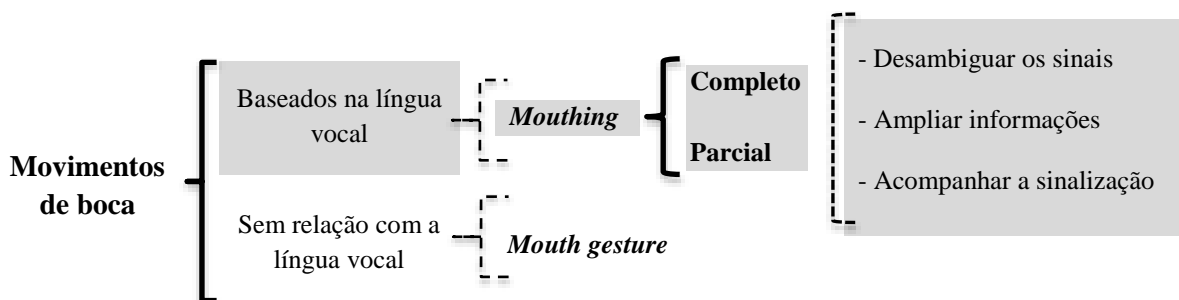
De fato, percebemos uma significativa influência do Português na Libras, a qual decorre de um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos. Devido à sua modalidade gestual-visual e a diferentes aspectos sociais, políticos e educacionais, por exemplo, a Libras sofre uma significativa influência do português em seu léxico, estrutura e, até mesmo, em seus diferentes usos e funções na sociedade. Assim, a possibilidade de usar a pronúncia junto aos sinais, oferece a Libras diversas possibilidades de se construir sentidos com o apoio do Português.

Assim como descrito em Rodrigues e Medeiros (2016), a pronúncia que acompanha os sinais da Libras pode ser *completa* (i.e., quando a articulação labial corresponde à pronúncia integral da palavra, assim como ela é utilizada na língua vocal) ou *parcial* (i.e., quando a articulação labial corresponde a pronúncia de parte da palavra apenas). Segundo

Sandler (2009, p. 266), a pronúncia (*mouthing*) “refere-se à articulação (geralmente não vocal) de palavras ou partes de palavras da língua falada”.⁶ Portanto, assim como mencionado acima, comumente, a emissão de sons não faz parte dessa articulação labial presente em línguas de sinais, ainda que ela se baseie nas línguas vocais.

Em sua pesquisa, apresentada no artigo “O uso de *mouthing* na interpretação simultânea para a língua brasileira de sinais”, Rodrigues e Medeiros (2016), considerando a possibilidade de os intérpretes intermodais de Português-Libras realizarem *code-blending*, isto é, a sobreposição de línguas de distintas modalidades (METZGER, QUADROS, 2012; RODRIGUES, 2013, 2018), apresentam o uso de *mouthings*, como uma estratégia de tradução empregada por intérpretes experientes de línguas de sinais, argumentando que tal possibilidade não existe para os intérpretes que atuam entre línguas de uma mesma modalidade, ou seja, para aqueles profissionais que atuam de modo intramodal (i.e., entre duas línguas de sinais ou entre duas línguas vocais).

Figura 1- O foco do estudo: o *mouthing* e suas funções



Fonte: a autora com base em Boyes Braem e Sutton-Spence (2001), Sandler (2009) e Rodrigues e Medeiros (2016).

Por fim, de maneira simples, os *mouthings* são todos aqueles movimentos da boca presentes nas línguas de sinais que são derivados da pronúncia das línguas vocais, um tipo de palavra visual, ou seja, articulação oral de palavras junto à sinalização, a qual se apresenta tanto como a pronúncia completa e claramente inteligível da palavra quanto como a pronúncia incompleta, com seleção de partes das palavras.

Em relação ao uso de *mouthings* na tradução/interpretação, Rodrigues e Medeiros (2016) explicam que a possibilidade de os intérpretes intermodais realizarem a sobreposição de línguas (em inglês, *code-blending*), ou seja, a possibilidade de eles produzirem as duas

⁶ This refers to the (usually non-vocal) articulation of words or word parts from the spoken Language [...]

línguas ao mesmo tempo, pronunciando palavras e sinais, simultaneamente, viabiliza o uso de *mouthings*, inclusive como uma estratégia de tradução, ao mesmo tempo em que exige desses intérpretes a administração dessa possibilidade de uso concomitante de suas línguas de trabalho.

Os autores consideram que na interpretação existem diferentes movimentos de boca com origem nas línguas vocais. Assim, ao analisar a interpretação simultânea do Português para a Libras, eles concluem que boa parte dessas pronúncias concomitantes à sinalização são empregadas pelos intérpretes como estratégias visando à desambiguação (especificação do significado), seja por meio da ampliação de informações disponíveis ao público surdo ou complementando o significado do sinal, por exemplo.

Rodrigues e Medeiros (2016) categorizam as pronúncias (*mouthings*) em três categorias, de acordo com sua função na interpretação para a Libras, a saber: (i) desambiguar os sinais (especificação do significado); (ii) ampliar informações disponíveis ao público surdo (complemento ao significado do sinal); e, também, aqueles (iii) sem uma motivação aparente. Para eles, esta última categoria contém movimentos de boca que se aproximam mais dos gestos bucais (*mouth gesture*). Nesse sentido, questionam se essas pronúncias poderiam ser consideradas como morfemas boca.

O ***mouthing* de desambiguação** teria como função a especificação do significado dado ao sinal naquele uso específico. Na interpretação para a Libras, ele pode indicar: (i) mudança de categoria (ex., ENSINAR/ ENSINO, SOCIEDADE/ SOCIAL, CULTURA/ CULTURAL, HISTÓRIA/ LEMBRAR); (ii) restrição à polissemia do sinal (ex., HOJE/ AGORA, DIREITO/ PESSOA-COM-DEFICIÊNCIA); e (iii) especificação de dêiticos e referentes (ex., um APONTAR para definir: lá, aqui, ela, esse etc.); (iv) distinção entre pares mínimos ou sinais similares (ex., AMANHÃ/ FÁCIL, OUTRO/ DE NOVO); e (v) distinção conceitual (ex., LINGUÍSTICA, L1, L2, ORALISMO, BILÍNGUE).

O ***mouthing* de ampliação de informações** funcionaria como um complemento ao significado do sinal por meio do acréscimo de informações e, portanto, da expansão de pistas contextuais e de dados disponíveis ao público durante a sinalização, com o propósito de: (i) destacar a palavra originalmente apresentada na língua fonte, ou o conceito em relação ao sinal empregado, diante de outras possibilidades de significação (junto, por exemplo, às datilologias e aos numerais, ou mesmo alguns sinais tais como LINGUA-DE-SINAIS, para que ele possa ser lido como “Libras” e, não, como “línguas de sinais”); (ii) dar ênfase ao sinal ou enriquecê-lo (ex. o sinal POR-QUE que contam, além das marcas interrogativas

inerentes a ele, com o *mouthings* “por quê?” ou o sinal MINORIA acompanhado do *mouthings* “é”, o qual enriquece a interpretação indicando que o surdo é falante de uma língua que é minoritária); e (iii) por em evidência informações morfológicas necessárias à compreensão (por exemplo, a indicação de tempo, de número e de pessoa).

E, por fim, teríamos os ***mouthings* sem motivação aparente**, os quais não se apresentam como uma estratégia de tradução. Esse tipo de *mouthings*, provavelmente, é empregado devido ao fato de o intérprete ser bilíngue bimodal, ou seja, poder utilizar as duas línguas ao mesmo tempo (*code-blending*). Além disso, esse aparecimento de *mouthings* sem motivações aparentes podem evidenciar momentos em que houve certa queda no controle executivo do intérprete em relação ao uso desse recurso.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO DESTA PESQUISA

De modo geral, nossa investigação teve um enfoque misto, isto é, apresenta viés qualitativo e quantitativo pois, por mais que a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão” de algum fenômeno, esta pesquisa se vale de informações numéricas que podem ser “consideradas representativas da população, [e] os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa” (CÓRDOVA, SILVEIRA, 2009, p. 31, 32).

Ao observarmos a natureza da pesquisa, entendemos a mesma como sendo uma pesquisa descritiva com o propósito de “gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos” e quanto aos seus objetivos podemos classifica-la como uma pesquisa explicativa, pois “preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” como a utilização do *mouthing* nas sinalizações naturais dos falantes da Libras, isto é “este tipo de pesquisa explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos” (CÓRDOVA, SILVEIRA, 2009, p. 35).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Já em relação aos procedimentos adotados, classificamos a pesquisa como bibliográfica, no que se refere ao tema e a construção do referencial teórico. Além disso, coletamos dados por meio da aplicação de um questionário on-line para os participantes das Comunidades Surdas, a saber, com foco nos surdos e nos tradutores e intérpretes de Libras-Português.

Os procedimentos relativos ao uso de questionários estruturados são simples e de aplicação direta. Submete-se ao informante um questionário previamente elaborado, estipulando, ou não, um tempo determinado para a execução da tarefa. Os questionários são estruturados de tal forma que garantam ao pesquisador um determinado controle sobre as respostas procuradas. [...] Estas decisões são importantes quando da elaboração dos questionários estruturados pois terão repercussões diretas sobre a qualidade

dos dados coletados e, posteriormente, sobre sua análise. (ALVES, 2001, p. 79).

No intuito de atingir o objetivo proposto, utilizamos um questionário on-line disponibilizado virtualmente. Tal instrumento de coleta de dados é previamente estruturado, sendo composto por diversas questões de acordo com o objetivos da pesquisa. Os questionários podem conter perguntas mais voltadas à quantificação, as quais são mais fáceis de serem codificadas e tabulados, propiciando comparações com outros dados relacionados ao tema pesquisado.

3.1 O questionário de coleta de dados

O questionário foi construído no *Google Forms* (em Português, “Formulários do Google”). Nele, foi possível utilizar diferentes ferramentas de edição personalizáveis com opções de respostas nos formatos múltipla escolha, caixas de seleção, respostas em lista suspensa, resposta curta, resposta em parágrafo, grade de múltipla escolha, escala linear, assim como adicionar vídeos através de *links* do *YouTube*.

Finalizado a construção do questionário, foi realizada uma aplicação piloto, durante período três dias, a alguns integrantes do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais (InterTrads) da UFSC, a fim de observar se todas as perguntas estavam corretamente grafadas e adequadamente configuradas, bem como se as respostas estariam de acordo com as questões formuladas e em conformidade com os resultados esperados.

Após esta pilotagem, realizamos alguns aperfeiçoamento e concluímos que o questionário estava em conformidade com nossas expectativas e que proporcionaria o levantamento dos dados e informações que necessitávamos para realizar as análises. Assim, procedemos a disponibilização deste instrumento nas redes sociais, a saber *WhatsApp* e *Facebook*, para integrantes da Comunidade Surda: surdos, pessoas com deficiência auditiva, tradutores, intérpretes, CODA etc. A aplicação do questionário foi iniciada no dia três de outubro e encerrada no dia quinze do mesmo mês, totalizando doze dias de disponibilização. Recebemos uma somatória de sessenta e quatro respostas.

Dentro do corpo do questionário, que podia ser acessado através do *link* <https://forms.gle/gEs4LrY8bbfikiCo9>, começamos com a apresentação da pesquisadora e de seu orientador, seguida da descrição da pesquisa. A primeira parte do formulário visava traçar o perfil do respondente: se este é surdo ou ouvinte, sua faixa etária, sua escolaridade, a idade

em que aprendeu a Libras, sua autoavaliação em relação ao seu nível de domínio da Libras, se possui formação como tradutor ou intérprete, seu tempo de experiência profissional.

Após isso, o respondente seguia para os vídeos com frases em Libras sem e com *mouthing*. Solicitamos que o respondente assistisse apenas uma única vez ao vídeo. Mesmo sabendo que ele não necessariamente faria isso. Assim os respondentes deveriam atribuir uma tradução em Português para a frase em Libras. No total, foram quatro vídeos com sentenças em Libras sem *mouthing* e mais quatro sentenças, as mesmas que as anteriores, com o uso do *mouthing*. Vale ressaltar que nenhum dos vídeos possuía sons, legendas ou qualquer outro elemento, a não ser a própria sinalização.

Após a primeira escolha realizada, aparecia uma próxima página com opções de múltipla escolha, em que o participante indicava numa escala *likert* (não/ pouco/ indiferente/ muito/ totalmente) o quanto cada um dos elementos seguintes auxiliou na escolha da tradução em português: (i) o conhecimento do significado dos sinais em português; (ii) a estruturação da frase em Libras e o uso do espaço; (iii) as expressões faciais e corporais; (iv) o uso de articulação labial/pronúncia (*mouthing*); (v) o assunto tratado na sentença em Libras.

Com essa resposta, aparecia um outro vídeo com a mesma sentença anterior, porém com o uso do *mouthing*. Então, o participante tinha as mesmas sete opções de múltipla escolha em escala *likert* para que indicasse o que o levou a escolher a opção mais adequada para a sentença em Libras. Portanto, cada sentença era apresentada sem e depois com *mouthing*, seguidas das opções com escala *likert*. Por fim, perguntava se as opções de tradução para os vídeos A e B tinham disso as mesmas, com três opções: sim, não e não me lembro. Essa sequência ocorreu para as quatro frases em Libras, totalizando oito vídeos. Havia uma última seção com a possibilidade de o respondente registrar um comentário ou sugestão, esta não era de caráter obrigatório.

4 REPRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, representamos os dados coletados via instrumento de pesquisa e teceremos análises de acordo com as perspectivas teóricas adotadas para este trabalho. Iniciaremos com o desenho do perfil dos respondentes e logo passaremos aos quatro pares de vídeos com suas respectivas respostas e análises.

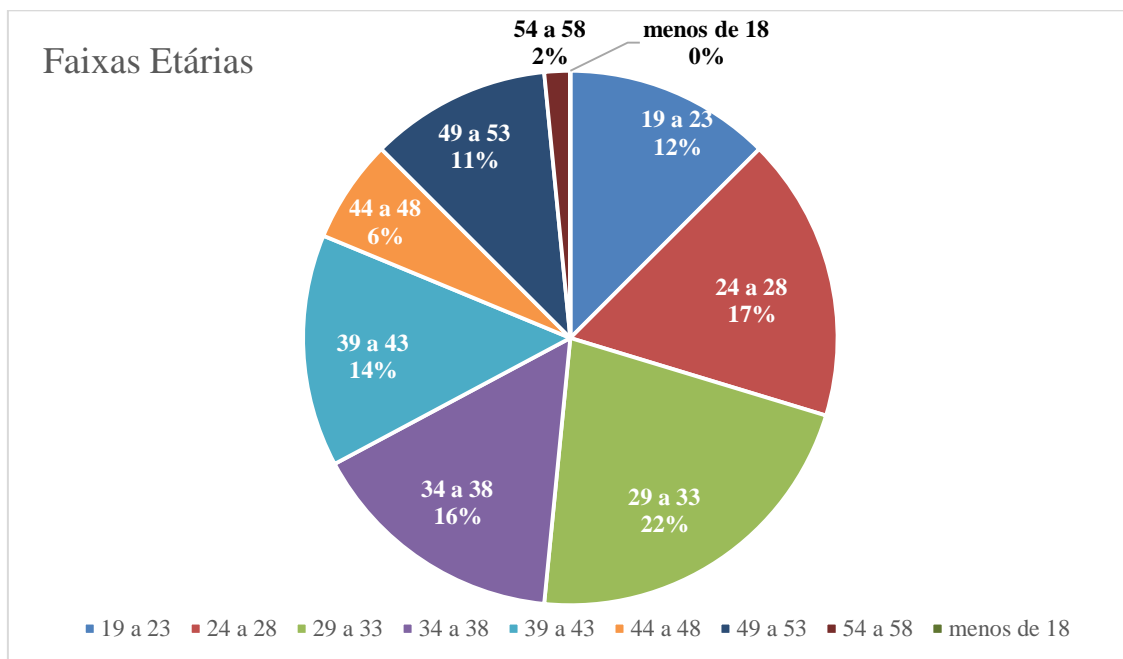
4.1 Perfil dos participantes

Ao finalizar a aplicação do questionário, obteve-se sessenta e quatro respostas em doze dias de aplicação do mesmo. Destas respostas observamos que quinze respondentes são surdos, nove homens e seis mulheres, e quarenta e nove ouvintes (intérpretes, CODAs e falantes de Libras), dez homens e trinta e nove mulheres, num montante de quarenta e cinco mulheres e dezenove homens, ou seja, se dividirmos por gênero, tendo em vista que não houveram participantes que deixam de indicar o gênero, em duas categorias: surdos e ouvintes, temos que o público masculino surdo foi maioria em meio aos surdos respondentes, em contrapartida ao público feminino ouvinte, que foi a maioria em meio aos ouvintes respondentes e de modo geral⁷.

Observou-se variedade nas faixas etárias, os resultados obtidos foram demonstram que oito respondentes estão entre os 19 a 23 anos; onze estão entre 24 a 28 anos; quatorze estão entre 29 a 33 anos; dez estão entre 34 a 38 anos; nove estão entre 39 a 43 anos; quatro estão entre 44 a 48 anos; sete estão entre 49 a 53 anos; e um está entre 54 a 58 anos, atrelamos essa multiplicidade de faixas etárias ao fato do questionário ter sido pulverizado nas redes sociais, pois desta forma, não controlada como no *Facebook* e no *Whatsapp*, poderíamos atingir mais pessoas e já prevíamos as múltiplas faixas etárias, todavia a influência destas múltiplas faixas não foram levadas em consideração neste estudo.

Em sua maioria, entre os 64 participantes, 56 eram maiores de 24 anos e não houve nenhum participante com menos de 18 anos. O detalhamento das faixas etárias dos respondentes desta pesquisa pode ser observado no gráfico abaixo:

⁷ Destacamos que no questionário optamos por perguntar pelo sexo biológico sem incluir opções de gênero, por não ser este o foco da pesquisa.

Gráfico 1 - A faixa etária dos respondentes

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

No quesito escolaridade, quatro participantes possuem formação em nível médio, os outros sessenta possuem algum tipo de formação superior, completa ou em andamento, outros especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, ou seja, os participantes em sua grande maioria possuíam algum tipo de grau de instrução no nível superior. Acreditamos que tal fato se deve pelo mesmo motivo apresentado acima, ao compartilharmos em nossas redes sociais formulários de pesquisa, o público atraído por este tipo de postagem, embora não tenhamos condições de afirmar com exatidão, pois carecemos de dados para tal comprovação, é o público universitário mais próximo de pesquisas com coletas de dados. Outras pesquisas que busquem identificar as razões deste fenômeno podem ser realizadas posteriormente.

Quando foi lhes perguntado sobre a idade em que iniciaram o aprendizado de Libras, 31 participantes indicaram ter aprendido já na fase adulta e depois dos 21 anos de idade; oito participantes aprenderam entre a adolescência e o início da fase adulta, entre 16 a 20 anos; oito no período da adolescência, dos 11 aos 15 anos; cinco aprenderam na segunda infância dos 6 aos 10 anos; nove aprenderam na primeira infância, do nascimento aos 5 anos. Isso demonstra que os respondentes, em sua maioria, aprenderam Libras posteriormente ao período de alfabetização escolar. Entretanto, temos aqueles que aprenderam Libras ainda na infância. Tal fato pode ser atrelado à presença de pessoas CODAS como participantes desta

pesquisa, que iniciam seu aprendizado na mais tenra idade pelo fato de terem pais (ou pelo menos um deles) surdos falantes de Libras, tendo-a como língua materna em casa. Os demais, provavelmente, apreenderam a Libras como segunda língua posteriormente ao período escolar graças as políticas de difusão da Libras que se iniciam nos anos 2000 com a sanção da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002.

Nos critérios de proficiência, com base em uma avaliação subjetiva própria sem o estabelecimento de parâmetros, os respondentes realizaram uma autoavaliação sobre o seu desempenho na língua de sinais, no que se refere à percepção visual, à produção oral, à escrita e à leitura de algum sistema de escrita de línguas de sinais, os dados são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 1- Proficiência em Libras

	Nenhuma	Básica	Intermediária	Avançada	Nativa/ Bilíngue
Compreensão visual		16	9	22	17
Sinalização		16	11	21	16
Produção em escrita LS	27	28	4	3	2
Leitura de alguma LS	19	34	7	2	2

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Esses dados nos trazem uma perspectiva significativa dos participantes, pois, segundo a tabela acima (Tabela 01), 39 respondentes afirmaram possuir uma compreensão visual da Libras em nível avançado ou nativo/bilíngue; nove se consideraram com proficiência em nível intermediários; e outras 16 indicaram ter sua proficiência em nível básico; já no subitem sinalização houve um declínio nos números se comparado aos anteriores pois, dois respondentes dos níveis mais fluentes, na língua de sinais foram para o nível intermediário; não houve participantes que afirmaram não possuir nenhuma proficiência, pois saber Libras em algum nível de proficiência era um pré-requisito para participação nesta pesquisa. Já na produção ou leitura de alguma escrita de Libras, a tabela pende para o lado esquerdo, ou seja, a maioria dos respondentes desconhece ou tem noção muito básica deste item. Sabemos que o Brasil possui três sistemas de escrita de sinais, todavia as pesquisas que versam sobre sua produção e leitura são recentes no Brasil e ainda não foram capilarizadas a contento⁸.

⁸ Sugere-se leitura dos seguintes autores: Stumpf (2005), Wanderley (2012) e Ampessan (2017).

Em relação à formação específica em tradução ou interpretação, quarenta e três respondentes possuem alguma formação como tradutor e/ou intérprete de línguas de sinais, e vinte e um não possuem. Sendo o questionário de múltipla escolha, os participantes trouxeram dados interessantes. Seguem os dados que demonstra o tipo de formação que os respondentes possuem uma formação específica, sendo elas:

Tabela 2 - Formação Específica

Graduação em Bacharelado Letras Libras	18
Curso Livre em entidades representativas	16
Curso de extensão Universitária	12
Pós-Graduação – Especialização em tradução interpretação	10
Curso profissionalizante em tradução e interpretação	8
Pós-Graduação – Mestrado em tradução e interpretação	5
Curso Sequencial ou Tecnólogo em tradução e interpretação	2
Igreja	1
Especialização em Libras	1
Prolibras	1
Curso de capacitação em intuição privada	1
Cursando Licenciatura em Letras Libras	1

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

No quesito experiência como tradutor e/ ou intérprete, surdo ou ouvinte, obteve-se uma variedade em relação ao tempo de atividade como tradutores e/ou intérpretes. Vinte e dois dos participantes possuem mais de cinco ou mais anos de experiência, alguns respondentes, por algum motivo, preferiram não quantificar o seu tempo de atuação. Acreditamos que tal fato ocorreu, pois, nossos respondentes não necessitavam ser tradutores/intérpretes para participar desta pesquisa, todavia nem na leitura primária tampouco na pilotagem identificados que sexta variável poderia aparecer nos dados. Abaixo compilamos os dados relacionados a experiência como tradutor/intérprete de acordo com o tempo de experiência dos respondentes.

Tabela 3 - Experiência como Tradutor e/ ou Intérprete

Entre 1 a 5 anos de experiência	18
Entre 6 a 10 anos de experiência	11
Entre 11 a 15 anos de experiência	5
Mais de 21 anos de experiência	4
Menos de 1 ano de experiência	3
Entre 16 a 20 anos de experiência	2
Prefiro não responder	21

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Após finalizado todo esse panorama geral, relacionado ao perfil dos participantes, o formulário traz a parte da coleta de dados sobre os usos da articulação labial (*mouthing*) e seu papel na compreensão e atribuição de significado aos sinais e sentenças em Libras. Para coletar essas informações decidimos trabalhar com pares de vídeos que chamaremos de blocos, em cada um destes blocos existem dois vídeos, gravados em fundo neutro com a sinalização de uma frase realizada pela autora, no primeiro vídeo a frase é sinalizada com expressão neutra sem nenhum tipo de outra marcação. O segundo vídeo é apresentado da mesma forma, pela autora em fundo neutro, porém neste existe uma forte marcação da articulação labial.

Após, o respondente assistir a cada um dos vídeos, ele deveria escolher a opção mais adequada de tradução da sentença para o português entre as seis alternativas disponíveis, ainda disponibilizamos um espaço para que ele, não satisfeito com as opções, pudesse registrar uma tradução própria. As frases formuladas foram construídas de forma com que o uso da marcação de articulação labial ofereça pistas de desambiguação e/ou auxilie a compreensão total da frase sinalizada, neste sentido procuramos construir frases objetivas que pudessem ser compreendidas pelos respondentes sinalizantes de Libras.

Ao todo foram disponibilizados quatro blocos de vídeos, ou seja, quatro pares de vídeos, isto é, oito vídeos no total para cada um dos respondentes. Os dados gerados por estes blocos serão apresentados a seguir, cada um em sua respectiva subseção.

4.2 Primeiro ciclo de vídeos: 1A e 1B

O primeiro vídeo do questionário, **vídeo 1A**, contém a seguinte frase em Libras: [PRECISAR+ESTUDAR+JUSTIÇA⁹], a tradução que atribuímos como a que mais se aproximaria do ideal de tradução da sentença foi: “Preciso estudar o julgamento”, entendemos que o desafio tradutório, nesta sentença, seja o sinal de [JUSTIÇA] pois este sinal, se configura como um hiperônimo na Libras para vários outros termos da área jurídica que são expressos com este mesmo sinal.

⁹ Sinal que pode ser traduzido como: sentença, justo, justiça, julgar, julgamento, e palavras similares ou sinônimas a estas.

Link do YouTube vídeo 1A: <https://www.youtube.com/watch?v=OWFkojt898s>

QR CODE 1 - Vídeo 1A:



Para o questionário, foram disponibilizadas seis possíveis sentenças com base em escolhas tradutórias para o português e um espaço para alguém que quisesse fazer sua própria tradução, totalizando assim sete opções. Segue abaixo a tabela que demonstra as sentenças propostas como tradução e, ao lado, as respectivas proporções de respondentes que as escolheram:

Tabela 4 - Escolhas de tradução do vídeo 1A

Sentença em português:	Quant.:
• Preciso estudar sobre justiça.	25
• Preciso estudar o julgamento.	16
• Necessito do estudo jurídico.	11
• Ele precisa do estudo da justiça.	7
• (Espaço para tradução pessoal).	3
• Precisa estudar justiça.	1
• É necessário analisar as justificativas.	1

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

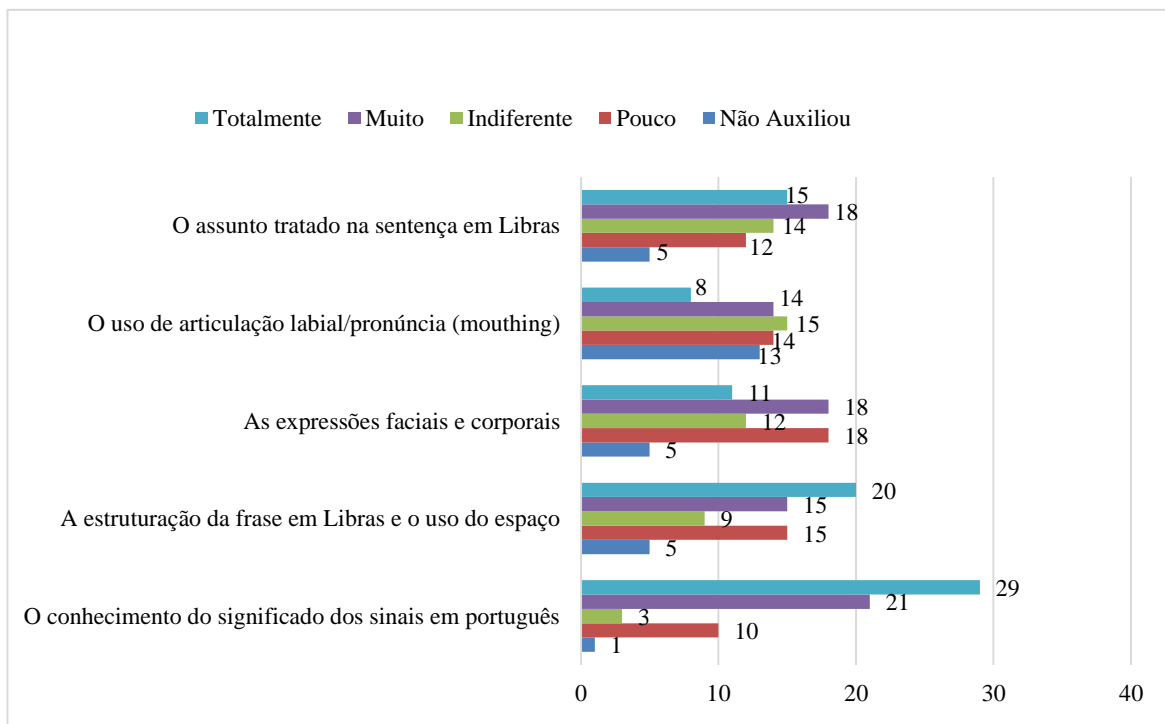
Esses dados demonstram que apenas dezesseis pessoas escolheram a sentença que construímos como tradução idealizada inicialmente; sete pessoas escolheram a sentença “Ele precisa do estudo da justiça”. Denominaremos como “distratores”, pois sua escolha não caberia nas hipóteses de escolhas tradutórias apresentadas, pois na sinalização o sujeito da sentença é “eu”; uma pessoa também escolheu outro “distrator”¹⁰ com a sentença “É necessário analisar as justificativas”; os demais escolheram variações possíveis de traduções da sentença.

Após o participante escolher uma das sete opções, aparece uma outra tela onde o mesmo, teria que selecionar critérios que lhe auxiliaram na melhor definição na escolha

¹⁰ As alternativas que não contemplam a resposta são chamadas de **distratores**.

tradutória para o português da sentença em Libras, assim como explicado na sessão 2.4 deste trabalho. Desta forma obtivemos o seguinte:

Gráfico 2 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 1A)



Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Percebe-se, ao analisarmos esta tabela que os itens expressões faciais/corporais e o uso de articulação labial/pronúncia (*mouthing*), pouco corroboraram nas escolhas tradutórias. Isso já era previsto, pois propositalmente na criação desta primeira parte do questionário dos vídeos (A), não utilizamos as expressões faciais e/ou articulações labiais. Os dados, representados no gráfico, demonstram que o que realmente auxiliou os respondentes foi o conhecimento dos significados dos sinais, a estruturação da frase em Libras e o uso do espaço, o que já era esperado.

Após esta primeira etapa concluída, o participante assiste ao **vídeo 1B** que foi sinalizado na mesma estrutura do vídeo 1A: [PRECISAR+ESTUDAR+JUSTIÇA*], porém com o apoio do *mouthing* de desambiguação por meio da articulação labial da palavra [JULGAMENTO] acompanhando ao sinal [JUSTIÇA].

Link do YouTube vídeo 1B: https://www.youtube.com/watch?v=iA_PybFFBpc

QR CODE 2 - Vídeo 1B:



Nos mesmos moldes do primeiro vídeo, foram propostas as mesmas sete opções de traduções para português, sendo uma delas o espaço para registro da tradução pessoal. Foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 5 - Escolhas de tradução do vídeo 1B

Sentença em português:	Quant.:
• Preciso estudar sobre justiça.	5
• Preciso estudar o julgamento.	55
• Necessito do estudo jurídico.	2
• Ele precisa do estudo da justiça.	2
• (Espaço para tradução pessoal).	0
• Precisa estudar justiça.	0
• É necessário analisar as justificativas.	0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

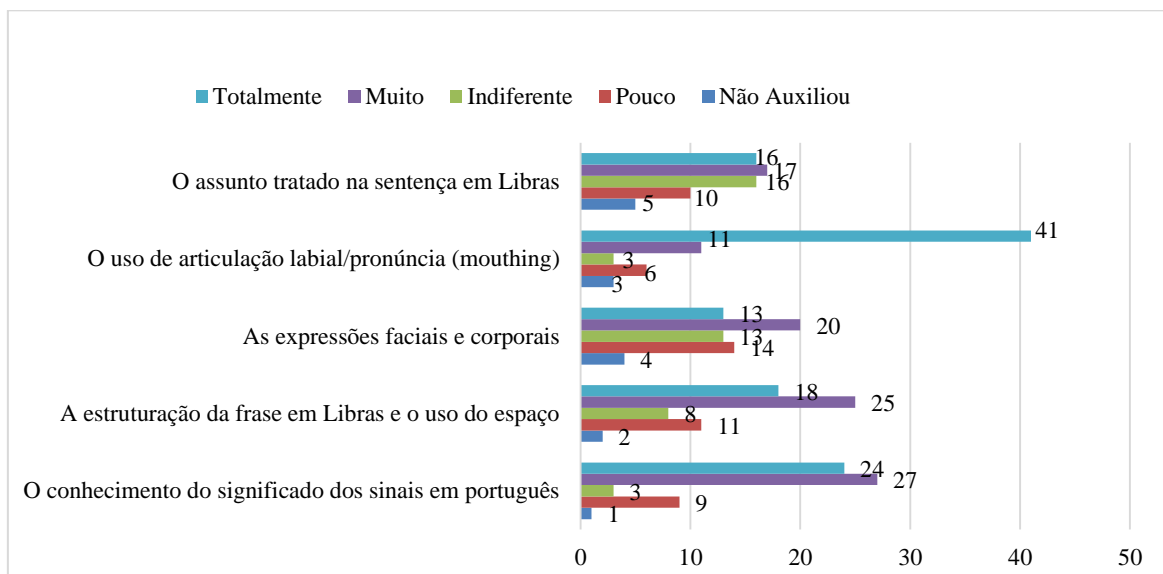
Como pode ser percebido nos dados obtidos, o uso do *mouthing* de desambiguação fez diferença na construção do sentido da sentença, de sessenta e quatro participantes surdos e ouvintes, cinquenta e cinco assertivamente escolheram a sentença que corresponderia à tradução proposta. Após esta etapa, o participante respondia uma nova aba do questionário, onde eles teriam que informar se suas respostas à tradução das sentenças dos vídeos 1A e 1B foram a mesma. Estes foram os dados obtidos:

Tabela 6 - Escolhas de tradução dos vídeos 1A e 1B

Suas escolhas de tradução mais adequada para a sentença em Libras (vídeo 1A e vídeo 1B) foi a mesma?	Quant.:
• Não.	37
• Não me lembro.	3
• Sim.	24

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Esses dados reafirmam a tabela anterior, visto que com o apoio do *mouthing* de desambiguação mais da metade dos respondentes escolheram a opção prevista, ou seja, pelo menos 21 participantes mudaram sua escolha tradutória. Em seguida para finalizar o primeiro ciclo de vídeos, aparece uma outra tela onde o participante, teria que classificar os mesmos critérios do vídeo 1A, anteriormente descritos, indicando aqueles que mais auxiliaram na definição da escolha tradutória para a sentença em Libras.

Gráfico 3 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 1B)

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Analisando os dados do gráfico acima (Gráfico 02), uma percepção do próprio participante sobre os critérios que corroboraram com suas escolhas tradutórias, vemos que o uso da articulação labial/pronúncia (*mouthing*) supera os demais aspectos elencados.

4.3 Segundo ciclo de vídeos: 2A e 2B

O segundo ciclo de vídeos do questionário, iniciou-se com o vídeo 2A com a sinalização da seguinte frase [MOCHILA+PRÓPRIO+MULHER*], a tradução que atribuímos a essa sentença foi: “A mochila pertence a menina”. Nesse vídeo, esperava-se verificar se uma sentença, se alteraria após a especificação do significado do sinal através do *mouthing*, o qual restringiria as possibilidades de atribuição de sentidos ao sinal [MULHER].

Link do YouTube vídeo 2A: <https://www.youtube.com/watch?v=ThTb2bFRQLU>

QR CODE 3 - Vídeo 2A:



Segue a tabela que demonstra as sentenças propostas como tradução e ao lado as respectivas proporções de pessoas que as escolheram:

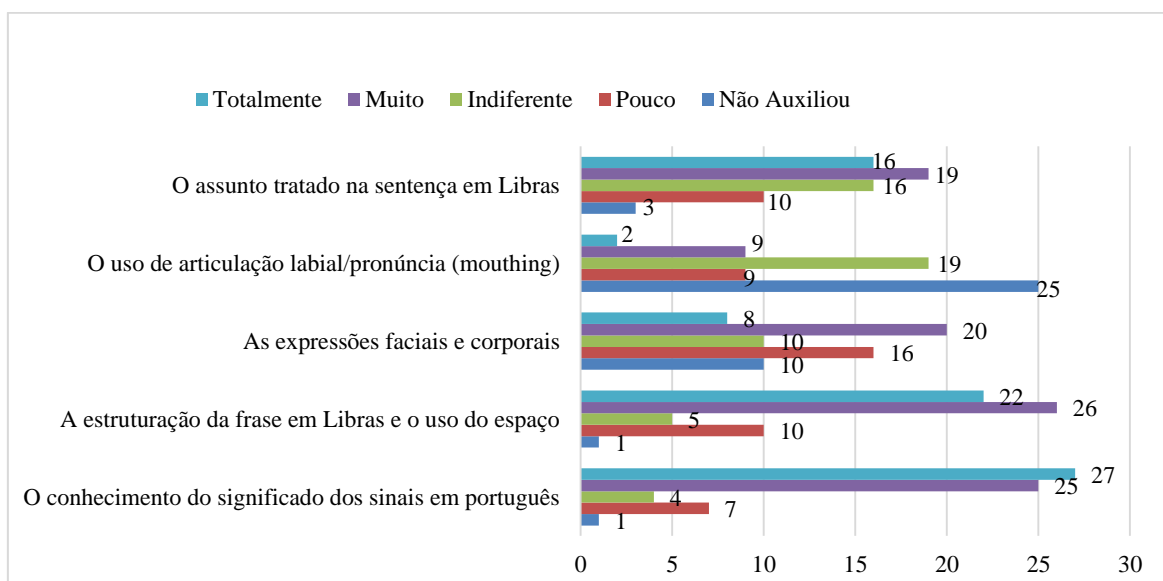
Tabela 7 - Escolhas de tradução do vídeo 2A

Sentença em português:	Quant.:
• A bolsa é de uma moça.	2
• A bolsa é de uma mulher.	13
• A menina tem sua própria bolsa.	5
• A mochila pertence à menina.	23
• A mochila pertence à mulher.	1
• A mochila pertence aquela mulher.	20
• (Espaço para própria tradução).	0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

É possível perceber que os participantes, se dividiram mais ou menos em três opções tradutórias principais para a sentença em Libras: vinte e três escolheram a frase que corresponderia para nós a tradução mais adequada “A mochila pertence a menina”; vinte selecionaram a frase “A mochila pertence aquela mulher”; treze escolheram a frase “A bolsa é de uma mulher”. Essa penúltima frase, apesar de ter sido escolhida pelos respondentes, pertencia ao grupo de distratores, pois não havia marcação na sinalização que correspondesse a “aquela mulher”. Além disso, os sinais de [MOCHILA] e [BOLSA] são distintos, ainda que possam ser usados em situações específicas com sentidos próximos.

Assim como fizemos com o vídeo A, os participantes deveriam realizar a mesma sequência indicando as motivações de suas escolhas de acordo com sua importância. Vejamos o gráfico abaixo:

Gráfico 4 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 2A)

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Como já era esperado, o gráfico aponta que o uso de articulação labial (*mouthing*) não auxiliou no direcionamento da escolha tradutória como pensávamos. Vinte e cinco respondentes afirmaram que ela não auxiliou em nada; nove que auxiliou pouco e dezenove que era indiferente. O que mais teria auxiliado os respondentes foi, respectivamente, (i) o conhecimento dos significados dos sinais em português e (ii) a estruturação da frase em Libras e uso do espaço. É importante mencionar que não há articulação labial acompanhando os sinais e que, portanto, acreditávamos que os respondentes iriam indicar alguma dessas três opções: *indiferente*, *pouco* ou *não auxiliou*. Todavia, dois respondentes indicaram que a articulação labial ajudou *totalmente* na tradução da frase e nove que auxiliou *muito*.

Considerando que eles já haviam passado pelos primeiros dois vídeos (os vídeos A) e que, portanto, possuíam um conhecimento melhor de como o questionário estava estruturado, apesar disso, 11 participantes escolheram o critério da articulação labial (i.e., *mouthing*) os tenha auxiliado na compreensão e tradução da sentença para o português. Podemos inferir diferentes explicações para isso, tais como “eles não entenderam bem a questão”, “cometeram um equívoco ao indicar a resposta”, “não estavam tão atentos à sinalização” etc. De qualquer maneira, isso demonstra, de certo modo, que os respondentes acreditam que a articulação labial possui uma função relevante durante a sinalização.

Após esta etapa concluída, o participante assistiu ao vídeo 2B que foi sinalizado conforme o vídeo 2A: [MOCHILA+PRÓPRIO+MULHER*], porém com o apoio do *mouthing* de especificação de significado, o qual restringiu as possibilidades de atribuição de sentidos ao sinal [MULHER] por meio da articulação labial da palavra “menina” simultaneamente a esse sinal.

Link do YouTube vídeo 2B: https://www.youtube.com/watch?v=JlyqciWdg_4

QR CODE 4 - Vídeo 2B:



Seguindo os mesmos moldes do primeiro vídeo, foram apresentadas sete opções de traduções diferentes para o português. Vejamos os dados obtidos:

Tabela 8 - Escolhas de tradução do vídeo 2B

Sentença em português:	Quant.:
• A bolsa é de uma moça.	3
• A bolsa é de uma mulher.	1
• A menina tem sua própria bolsa.	4
• A mochila pertence à mulher.	1
• A mochila pertence à menina.	51
• A mochila pertence aquela mulher.	4
• (Espaço para própria tradução).	0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Como pode ser percebido, nos dados representados acima, o uso do *mouthing* especificando o significado foi relevante na escolha da tradução e na produção de sentido da sentença. Dentre os sessenta e quatro participantes, surdos e ouvintes, cinquenta e um assertivamente escolheram a opção proposta. Após essa etapa, o participante respondia uma nova aba do questionário, na qual teriam que informar se suas respostas do vídeo 2A e 2B foram a mesmas ou não. Vejamos.

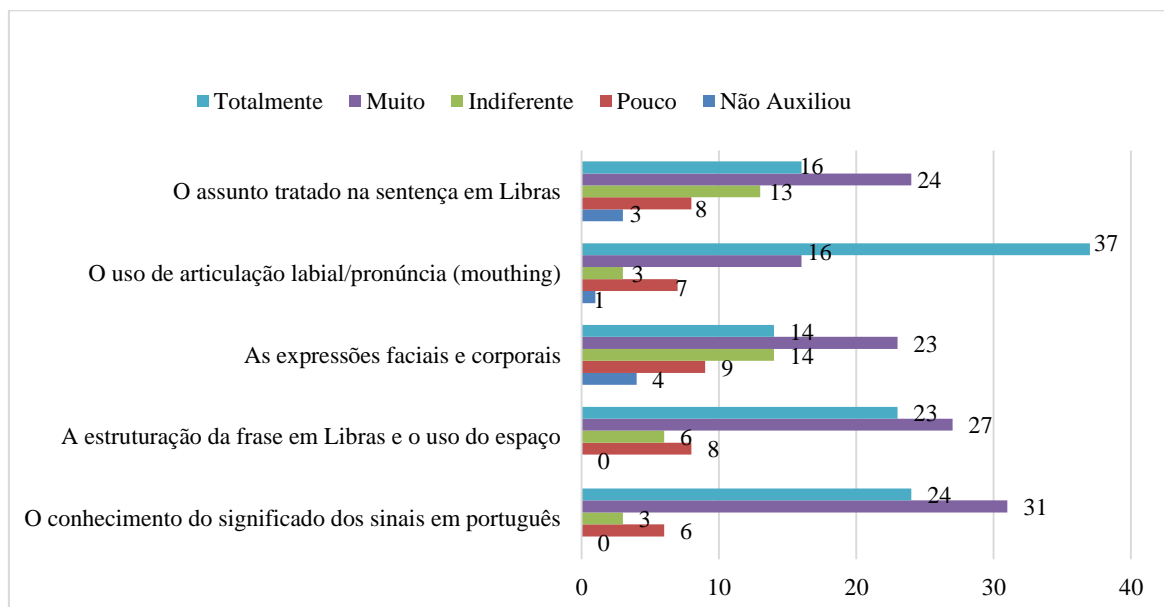
Tabela 9 - Escolhas de tradução dos vídeos 2A e 2B

Suas escolhas de tradução mais adequada para a sentença em Libras (vídeo 2A e vídeo 2B) foi a mesma?	Quant.:
• Não.	35
• Não me lembro.	1
• Sim.	28

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Esses dados corroboram a tabela anterior, visto que com o apoio do *mouthing* vários participantes alteraram suas respostas. A tabela indica que trinta e cinco alteraram sua opção. Notamos que a opção considerada por nós como a tradução mais adequada, passou de 23 para 51 respondentes. Nesse sentido, o *mouthing* contribuiu para 28 participantes, pelo menos, fossem guiados a opção mais adequada, uma variação alcançado no vídeo 2A em relação ao vídeo 2B.

Em seguida para finalizar o segundo bloco de vídeos, aparece novamente uma tela em que o participante teria que classificar os mesmos cinco tópicos anteriormente descritos, indicando se estes auxiliaram na melhor definição da escolha tradutória para o português da sentença em Libras e o quanto auxiliaram.

Gráfico 5 -O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 2B)

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Analisando os dados representados no gráfico acima, os quais dizem respeito à autopercepção dos participantes sobre os critérios que corroboraram suas escolhas tradutórias, temos que o uso da articulação labial (*mouthing*) destaca-se dentre os demais elencados, assim como esperado. Sendo seguido, respectivamente, pelo (i) conhecimento do significado dos sinais em português e (ii) a estruturação da frase em Libras e o uso do espaço. Uma vez mais, os dados corroboram a hipótese inicial.

4.4 Terceiro ciclo de vídeos: 3A e 3B

O terceiro bloco de vídeos do questionário, iniciou-se com o vídeo 3A, o qual apresenta a seguinte frase em Libras [PROFESSOR+ESCOLHER(uma mão)+COISA¹¹], a tradução que consideramos como a ideal foi: “O professor escolhe um instrumento”. Assim sendo, o grande desafio tradutório é o sinal [COISA*], pois muitos significados podem ser remetidos a este mesmo sinal que abarca uma finidade de ideias e usos na tradução para o português.

¹¹ Sinal em Libras que podendo ser utilizado com o sentido de/ou significando: objeto, coisa, instrumento, material, utensílio, peça e demais similares ou sinônimos destes.

Link do YouTube vídeo 3A: <https://www.youtube.com/watch?v=1a3jqzCIMZY>

QR CODE 5 - Vídeo 3A:



Como os demais blocos de vídeos, foram disponibilizados seis possíveis sentenças de escolhas tradutórias para o português e um espaço livre, caso alguém quisesse fazer sua própria tradução. Entretanto, foi acrescentada a opção: “Não compreendi a sentença em Libras”, totalizando, desta forma, oito opções. Com esse acréscimo esperávamos verificar se algum dos respondentes não estava compreendendo as sentenças e se indicaria isso. Segue a tabela que demonstra as sentenças propostas como tradução com suas respectivas proporções:

Tabela 10 - Escolhas de tradução do vídeo 3A

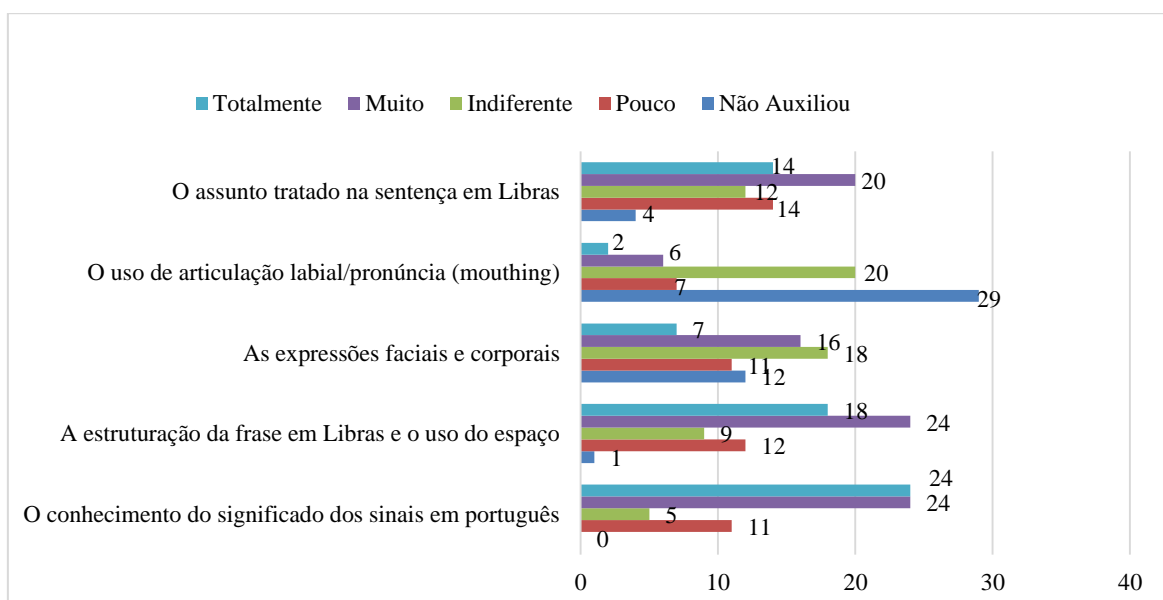
Sentença em português:	Quant.:
• O professor elegeu aquilo.	1
• A professora escolheu um instrumento.	3
• O professor seleciona um objeto.	26
• A professora selecionou um objeto.	7
• O professor escolherá aquele material.	13
• O professor escolhe um instrumento.	12
• Não compreendi a sentença em Libras.	1
• Tradução própria.	1

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Como pode ser percebido os participantes ficaram bem divididos nas opções tradutórias, alguns estiveram em dúvida, inclusive, no gênero do sinal [PROFESSOR]. Todavia, não foi sinalizado o gênero, o que indica sem a distinção do gênero em Libras, a opção seria manter o masculino em português, ainda que se possa imaginar que ele seria “neutro” em Libras. Portanto, consideramos que todas as sentenças em português que possuíam a marcação de gênero “professora” ou qualquer tempo verbal que não fosse o presente, se constituem como distratores. Assim, teríamos duas opções mais viáveis, a saber, “O professor seleciona um objeto” e “O professor escolhe um instrumento”.

Os resultados evidenciam que a opção mais escolhida foi “O professor seleciona um objeto”, por 26 respondentes, seguida, respectivamente, por “O professor escolherá aquele material”, 13 respondentes, e por “O professor escolhe um instrumento”, 12 respondentes. É interessante notar que um respondente indicou não compreender a sentença em Libras e outro optou por indicar a própria tradução. Assim como nos dados representados acima, referentes aos vídeos A e B, os participantes seguiram a classificação dos elementos que os auxiliaram no momento de realizar a escolha da tradução que consideram mais adequada. Abaixo, temos gráfico que demonstra esses resultados:

Gráfico 6 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 3A)



Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Como esperado, assim como nos exemplos supracitados, o gráfico aponta que o uso de articulação labial (*mouthings*) foi o que menos auxiliou na escolha tradutória, já que não estava presente no vídeo 3A. Vinte e nove participantes afirmaram que o uso da articulação labial/pronúncia (*mouthings*) *não auxiliou*; sete que auxiliou *pouco* e vinte participantes disseram que foi indiferente. Já é possível perceber certa recorrência nas respostas, o que vem se repetindo do mesmo modo que nos demais vídeos anteriormente abordados. Portanto, temos que, quando o *mouthings* é ausente e as expressões não manuais reduzidas, (i) o conhecimento dos significados dos sinais em português e (ii) a estruturação da frase em libras e o uso do espaço destacam-se como orientadores e definidores da escolha tradutória.

Após esta etapa concluída, os participantes assistiram ao vídeo 3B que foi sinalizado de acordo com a estrutura e os sinais do vídeo 3A, [PROFESSOR+ESCOLHER(uma mão)+COISA*], porém com o apoio do *mouthing* de desambiguação, usando a articulação labial da palavra “instrumento” concomitantemente ao sinal [COISA].

Link do YouTube vídeo 3B: <https://www.youtube.com/watch?v=5AKP2Ilm5QA>

QR CODE 6 - Vídeo 3B:



Nos mesmos moldes do primeiro vídeo, foram apresentadas oito opções. Esses foram os resultados alcançados:

Tabela 11 - Escolhas de tradução do vídeo 3B

Sentença em português:	Quant.:
• O professor elegeu aquilo.	1
• A professora escolheu um instrumento .	15
• O professor seleciona um objeto.	4
• A professora selecionou um objeto.	2
• O professor escolherá aquele material.	3
• O professor escolhe um instrumento .	39
• Não compreendi a sentença em Libras.	0
• Tradução própria.	0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Conforme vem se comprovando, a utilização do *mouthing*, corrobora a assertividade da tradução, guiando e contribuindo para as escolhas e tomadas de decisão dos respondentes. Todavia, neste bloco de vídeos obtivemos um resultado um tanto quanto peculiar, pois trinta e nove participantes escolheram a tradução que previmos, em oposição de quinze deles que reconheceram o *mouthing*, mas se equivocaram em relação ao gênero, pois marcaram a opção que traz “professora” e não professor. Se considerarmos que o enfoque estava no *mouthing*, podemos dizer que 44 participantes entenderam que se referia a um a um “instrumento”.

Ao contrário das respostas dadas ao Vídeo 3A, nenhum respondente indicou não ter compreendido a sentença nem propôs uma tradução particular. Possivelmente a articulação labial contribuiu para que as dúvidas presentes no primeiro vídeo fossem devidamente

sanadas. Após esta etapa, os participantes informaram se suas respostas em relação a tradução do vídeo 3A e 3B foram a mesmas ou não.

Tabela 12 - Escolhas de tradução dos vídeos 3A e 3B

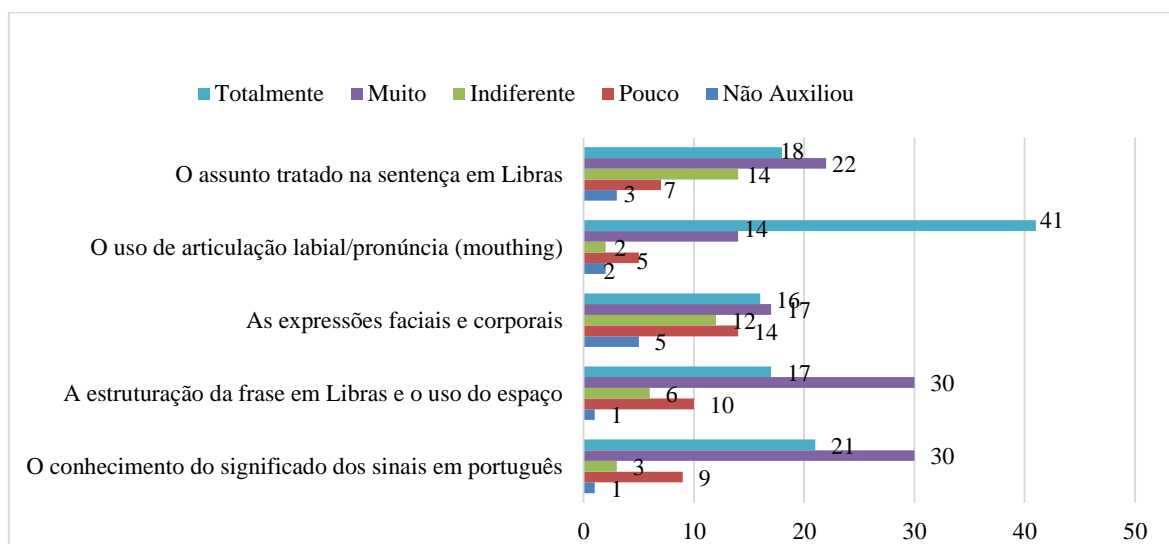
Suas escolhas de tradução mais adequada para a sentença em Libras (vídeo 3A e vídeo 3B) foi a mesma?	Quant.:
• Não.	40
• Não me lembro.	3
• Sim.	21

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Esses dados que apresentamos acima, atestam que com o apoio do *mouthing*, nesse caso o de desambiguação de informação, vários participantes alteraram sua opção tradutória, sendo que, ao final, quarenta dos participantes afirmaram ter alterado sua opção.

Em seguida, para finalizar o terceiro bloco de vídeos, tínhamos a aba em que o participante classifica como determinados elementos auxiliaram na definição da tradução da frase sinalizada.

Gráfico 7 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 3B)



Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Conforme os dados da tabela acima, 41 dos participantes indicaram que o uso da articulação labial/pronúncia (*mouthing*) auxiliou *totalmente* e 14 indicaram que ajudou *muito*. Este critério supera os demais elementos, assim como os dados representados acima.

Temos resultados interessantes aqui, com a presença marcada do *mouthing* e considerando a soma das categorias *totalmente* e *muito*, temos a seguinte classificação dos elementos que corroboraram as escolhas da tradução considerada mais adequada: o conhecimento dos significados dos sinais em português (indicado por 51 respondentes, 21+31); a estruturação da frase em libras e o uso do espaço (indicado por 47 respondentes, 17+30); o assunto tratado na sentença em Libras (indicado por 40 respondentes, 18+22); e, por fim, as expressões corporais e faciais (indicado por 33 respondentes, 16+17).

4.5 Quarto ciclo de vídeos: 4A e 4B

O quarto e último ciclo de vídeos do questionário, iniciou-se com o vídeo 4A, este que foi sinalizado da seguinte maneira: [XI(apontar lado esquerdo)+NASCER+CIDADE+X-A-G-R-I-L-Á]. A tradução ideal que esperávamos era “Ele nasceu na cidade de Xangri-lá”. Há dois desafios tradutórios nesta sentença, os quais relacionam-se ao dêitico [XI(apontar lado esquerdo)] e à datilologia [X-A-N-G-R-I-L-Á].

Link do YouTube vídeo 4A: https://www.youtube.com/watch?v=TtA_dJSLybk

QR CODE 7 - Vídeo 4A:



Como os demais ciclos de vídeos, foram disponibilizadas seis possíveis sentenças com a tradução para o português e um espaço para que, caso considerasse necessário, o respondente fizesse sua própria tradução. Também deixamos a opção: “Não compreendi a sentença em Libras”. Assim, totalizava-se oito opções. Vejamos as opções de tradução e suas respectivas proporções:

Tabela 13 - Escolhas de tradução do vídeo 4A

Sentença em português:	Quant.:
• Ele nasceu no município de Xangai.	6
• Ele nasceu na cidade de Xangri-lá.	36
• Ela chegou à cidade de Xanxerê.	0
• Ele chegou às cidades em redor de Xangri-lá.	0
• Ela nasceu na cidade de Xangri-lá.	15

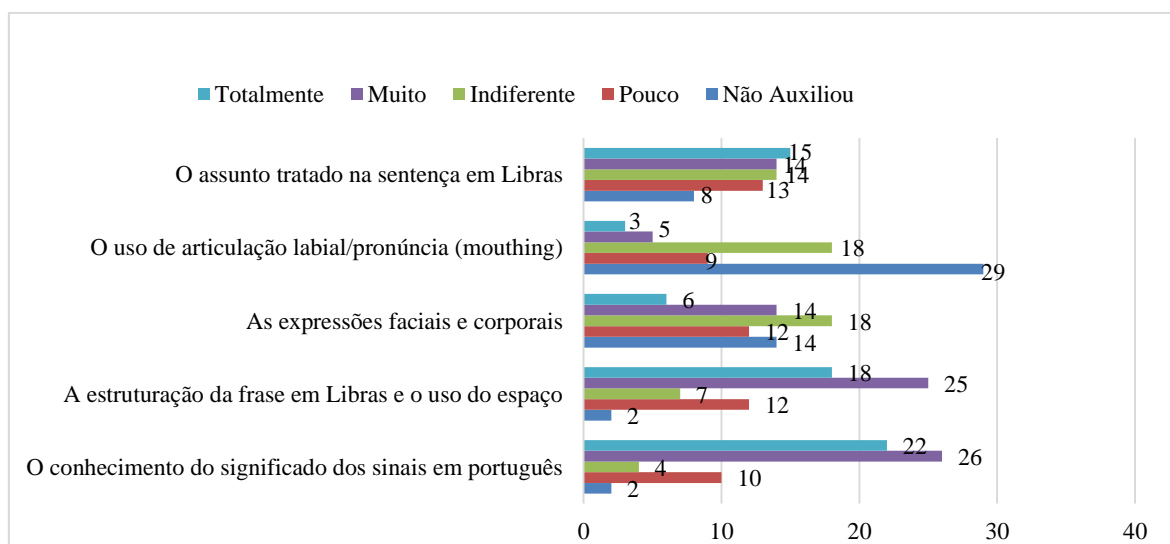
- Ela foi para o município de Xangai. 1
- Ele é de Xanxerê. 1
- Não compreendi a sentença em Libras. 5
- Tradução própria. 0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Como se percebe, os participantes ficaram bem divididos entre duas opções tradutórias, o único ponto que diferencia uma sentença da outra é a marcação de gênero, pois este não foi indicado nessa primeira sentença. Como o gênero será marcado na próxima sentença (vídeo 4B), por meio do *mouthing*, é plenamente aceitável e esperado que os respondentes optem pela tradução que está no masculino. Enquanto 36 respondentes optaram pela sentença “Ele nasceu na cidade de Xangri-lá”, outros 15 escolheram “Ela nasceu na cidade de Xangri-lá”, ainda que o gênero não esteja marcado. É interessante notar que cinco respondentes indicaram não compreender a sentença em Libras. Talvez possamos atribuir essa dificuldade ao fato de ter uma datilologia na frase a qual exige dos participantes maior atenção e esforço cognitivo para conseguir acompanhar a sequência de configurações de mão em um curto período.

Em seguida, os participantes tinham que, novamente, classificar os elementos que contribuíram com sua escolha da tradução mais adequada à sentença em Libras:

Gráfico 8 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 4A)



Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Como esperado, os critérios que mais auxiliaram nas escolhas tradutórias foram (i) o conhecimento do significado dos sinais em português e (ii) a estruturação da frase em Libras e o uso do espaço. Por outro lado, como previsto, o uso de articulação labial/pronúncia (*mouthing*) não auxiliou, sendo indicado por 29 respondentes. Nesse sentido, foi o elemento que mesmo contribuiu, mesmo porque não estava presente na sinalização.

Após concluída esta etapa, os participantes assistiram ao vídeo 4B, sinalizado conforme o vídeo 4A, mas com acréscimo de *mouthing* em toda a sentença [XI(apontar lado esquerdo)+NASCER+CIDADE+X-A-G-R-I-L-Á].

Link do YouTube vídeo 4B: <https://www.youtube.com/watch?v=caQCbr-HzC4>

QR CODE 8 - Vídeo 4B:



Com o apoio do *mouthing* de ampliação de informação “ela” junto ao dêitico [(apontar lado esquerdo)], assim como o *mouthing* que acompanhou a datilologia [X-A-N-G-R-I-L-Á]. Após o vídeo 4B, os respondentes encontraram as mesmas oito opções:

Tabela 14 - Escolhas de tradução do vídeo 4B

Sentença em português:	Quant.:
• Ele nasceu no município de Xangai.	3
• Ele nasceu na cidade de Xangri-lá.	17
• Ela chegou à cidade de Xanxerê.	0
• Ele chegou às cidades em redor de Xangri-lá.	1
• Ela nasceu na cidade de Xangri-lá.	41
• Ela foi para o município de Xangai.	1
• Ele é de Xanxerê.	0
• Não compreendi a sentença em Libras.	1
• Tradução própria.	0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

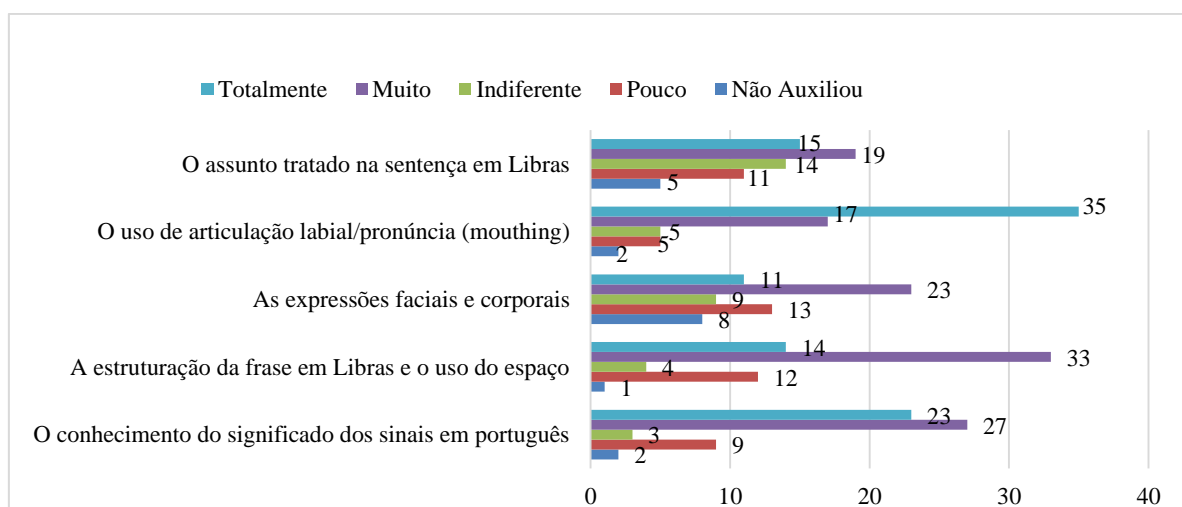
Como pode ser percebido na tabela acima, assim como ocorre nas demais situações, a utilização dos *mouthings* contribuiu para a escolha da tradução. Nesse caso, a pronúncia acompanhou um dêitico e uma datilologia e representou um elemento importante, principalmente para a marcação de gênero do dêitico. Após esta etapa, os participantes informaram se suas respostas sobre a tradução do vídeo 4A e do 4B foram a mesmas ou não:

Tabela 15 - Escolhas de tradução dos vídeos 3A e 3B

Suas escolhas de tradução mais adequada para a sentença em Libras (vídeo 4A e vídeo 4B) foi a mesma?	Quant.:
• Não.	29
• Não me lembro.	6
• Sim.	29

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Pela primeira vez, coincidiu o total de respondentes que afirmam ter alterado e não ter alterado a sua resposta (29 em cada opção). De qualquer maneira, notamos uma migração significativa de pessoas que haviam escolhido outra opção (como, por exemplo, daqueles que optaram por seguir o dêitico como sendo o masculino “ele”) para a opção considerada mais adequada, devido a marcação do gênero pelo *mouthing* “ela”: “Ela nasceu na cidade de Xangri-lá”. Finalizando o ciclo de vídeos, é mostrada, pela última vez, a aba em que o participante classifica os elementos que o apoiaram em sua escolha da tradução:

Gráfico 9 - O que auxiliou na compreensão e tradução (vídeo 4B)

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Conforme os dados da tabela acima, o que se tornou um padrão neste questionário, 35 dos participantes indicaram que o uso da articulação labial/pronúncia (*mouthing*) auxiliou *totalmente* (35 respondentes) ou *muito* (17 respondentes) em sua escolha final. Entretanto, não sabemos precisar em qual das duas questões o *mouthing* teria auxiliado mais, se na definição da marcação de gênero ou se na compreensão da datilologia. Todavia, considerando

a variação percentual do vídeo 4A para o 4B, podemos inferir que foi na marcação do gênero no dêitico.

Por fim, nesta parte de análise de dados e discussão de resultados vale a pena apresentar o comentário feito por um dos respondentes:

O uso de ‘*mouthing*’ transmite segurança para afirmar a tradução da sentença. Eu gosto muito do recurso. Acho que ouvintes em geral gostam. Não sei se surdos também sentem esse ‘plus’ na compreensão. (Participante)

Esse comentário nos levou a rever os dados, apenas com os quinze participantes surdos e suas escolhas tradutórias, comparando os vídeos de todos os ciclos. Assim obtivemos os seguintes resultados:

No primeiro ciclo de vídeos, onde a sentença: [PRECISAR+ESTUDAR+JUSTIÇA*], os participantes surdos com o auxílio do *mouthing* de desambiguação, foi surpreendente o resultado, segue abaixo o comparando dos dois vídeos 1A e 1B:

Tabela 16 - Comparativa de participantes surdos, tradução dos vídeos 1A e 1B

Sentença em português:	1A:	1B:
• Preciso estudar sobre justiça.	5	0
• Preciso estudar o julgamento.	6	14
• Necessito do estudo jurídico.	3	1
• Ele precisa do estudo da justiça.	1	0
• (Espaço para tradução pessoal).	0	0
• Precisa estudar justiça.	0	0
• É necessário analisar as justificativas.	0	0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

No segundo ciclo de vídeos, em que foi sinalizada a seguinte frase: [MOCHILA+PRÓPRIO+MULHER*], temos o comparativo dos vídeos 2A sem *mouthing* e 2B com *mouthing* de ampliação de informação:

Tabela 17 - Comparativa de participantes surdos, tradução dos vídeos 2A e 2B

Sentença em português:	2A:	2B:
• A bolsa é de uma moça.	0	0
• A bolsa é de uma mulher.	1	0
• A menina tem sua própria bolsa.	4	3
• A mochila pertence à mulher.	0	0
• A mochila pertence à menina.	7	11

- | | | |
|-------------------------------------|---|---|
| • A mochila pertence aquela mulher. | 3 | 1 |
| • (Espaço para própria tradução). | 0 | 0 |

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

No terceiro ciclo de vídeos com a seguinte frase: [PROFESSOR+ESCOLHER(uma mão)+COISA*], temos o comparativo dos vídeos 3A sem *mouthing* e 3B com *mouthing* de desambiguação de informação, e o mesmo equívoco de gênero do professor ocorreu com os participantes surdos, segue:

Tabela 18 - Comparativa de participantes surdos, tradução dos vídeos 3A e 3B

Sentença em português:	3A:	3B:
• O professor elegeu aquilo.	0	0
• A professora escolheu um instrumento .	2	6
• O professor seleciona um objeto.	3	1
• A professora selecionou um objeto.	1	1
• O professor escolherá aquele material.	6	1
• O professor escolhe um instrumento .	3	6
• Não compreendi a sentença em Libras.	0	0
• Tradução própria.	0	0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

No quarto e último ciclo de vídeos com a sentença: [XI(apontar lado esquerdo*)+NASCER+CIDADE+X-A-G-R-I-L-Á*], conforme o padrão que se criou os primeiros vídeos sem *mouthing* e o segundos com *mouthing*, neste foram usados de ampliação de informação e de acompanhamento, segue respostas obtidas:

Tabela 19 - Comparativa de participantes surdos, tradução dos vídeos 4A e 4B

Sentença em português:	4A:	4B:
• Ele nasceu no município de Xangai.	1	0
• Ele nasceu na cidade de Xangri-lá.	9	4
• Ela chegou à cidade de Xanxerê.	0	0
• Ele chegou às cidades em redor de Xangri-lá.	0	0
• Ela nasceu na cidade de Xangri-lá.	5	11
• Ela foi para o município de Xangai.	0	0
• Ele é de Xanxerê.	0	0
• Não compreendi a sentença em Libras.	0	0
• Tradução própria.	0	0

Fonte: a autora com base nos dados coletados.

Ao analisarmos os dados na perspectiva das respostas dos participantes surdos, vemos que eles vêm ao encontro com as respostas dos participantes ouvintes, as mesmas dúvidas e migração de escolhas tradutórias após o vídeo ser apresentando com o apoio dos *mouthings*. Isso reafirma a hipótese inicial, de que o uso apropriado das palavras visuais, contribuem para a construção de sentido na Libras, e que pode ser usado como estratégia tradutória/interpretativa auxiliando assim numa maior precisão de compreensão de sentidos do público alvo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante explicar que, nesta pesquisa, realizou-se a manipulação dos vídeos com o objetivo de alterar a variável referente à articulação labial. Nesse sentido, o elemento diferenciador das sinalizações (vídeos A e vídeos B) é exatamente o fato de no primeiro vídeo não termos a utilização da articulação labial e no segundo a destacarmos. O intuito foi, como já mencionado no objetivo deste trabalho, verificar se falantes de Libras, surdos e ouvintes, se valem ou não da possibilidade de sobreposição de línguas de modalidades diferentes, no caso, das palavras visuais para atribuir sentido às sentenças em Libras.

Atestamos que a articulação labial (*mouthing*) é um elemento central à construção do sentido que se pretende para o texto em Libras, foco da nossa análise. A articulação labial de que falamos tem objetivos específicos e não corresponde ao bimodalismo ou ao uso de português sinalizado. Ele é uma possibilidade de transferência interlinguística e, por sua vez, é empregado pontualmente pelos sinalizantes, e muitas vezes, como já observamos empiricamente, também por sujeitos surdos.

Nesse sentido, podemos afirmar que essa pronúncia que oferece palavras visualmente assume tanto a função de direcionar ou mesmo restringir as possibilidades de compreensão da sinalização. Sendo assim, vimos que a sua ausência comprometeu a compreensão das sentenças em Libras, levando nossos respondentes a optarem inclusive por traduções “improváveis” (os distratores que utilizamos).

Por fim, considerando nossos dados e conscientes de que são iniciais e limitados, podemos afirmar que a atribuição de sentidos ao texto final em Libras pode ser guiada pela articulação labial. Desta maneira, o *mouthing* apresenta-se como uma possibilidade viável de construção de sentidos, desambiguação e ampliação de informações, sendo uma profícua estratégia tradutória quando o texto alvo está em língua de sinais.

São importantes novas pesquisas capazes de aprofundar o estudo sobre o uso de *mouthings* em Libras, tanto na comunicação espontânea e natural de seus falantes quanto nos processos tradutórios e interpretativos. É possível que essa articulação labial seja usada de diferentes modos pelos sinalizantes, surdos e/ ou ouvintes, de acordo com seus objetivos comunicativos, com os interlocutores, com o contexto, com a situação social etc. Assim sendo demonstramos aqui além dos fatos já apresentados a importância deste trabalho na contribuição de pesquisas futuras referentes ao tema, visto diversos fatores, contudo um deles o contido número de publicação na língua portuguesa.

Outra relevância desse trabalho é demonstrar o quanto o estudo do *mouthing* pode e auxiliar na formação de profissionais da tradução e da interpretação de línguas de sinais. O uso de tal articulação como estratégia de tradução/interpretação pode desambiguar sinais similares com conceitos diferenciados. Sobretudo lembrando que intérpretes já atuantes e em processo de formação acadêmica pouco conhecem sobre este conceito e, até mesmo, sobre esta possibilidade.

Finalizamos, então, o texto com provocações, sendo que a principal delas é: essas demonstrações positivas de que o uso da articulação labial (*mouthing*) no texto alvo em língua de sinais pode colaborar com a atribuição de significado e sentido ao discurso podem desmistificar a visão tradicional de sempre a pronúncia é algo prejudicial/ruim para a interpretação?

REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico experimentais em tradução. In: PAGANO, Adriana (Org.). Metodologias de Pesquisa em Tradução. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 69-92.

ALVES, Maria Bernadete Martins; ARRUDA, Susana Margareth. **Como fazer referências:** bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documento. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Biblioteca Universitária, c2001. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/framerefer.php>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

AMPESSAN, João Paulo et al. A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema SignWriting. 2017.

ARAUJO, Adriana Dias Sambranel de. **As expressões e as marcas não-manuais na língua de sinais brasileira.** Dissertação submetida ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14621/1/2013_AdrianaDiasSambraneldeAraujo.pdf>. Acesso em 28 maio 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BLOG CHARLES LIBRAS. **Modalidades da Libras.** Disponível em: <<http://charles-libras.blogspot.com/2010/04/modalidades-da-libras.html>>. Acesso em: 05 jun 2019.

BONET, Juan Pablo. Reduction de las letras y arte para enseñar a ablar los mudos. Por Francisco Abarca de Angulo, 1930.

BRAEM Boyes, Penny, and Rachel SUTTON-SPENCE, eds. The hands are the head of the mouth: The mouth as articulator in sign languages. Hamburg: Signum-Verlag, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002.

_____. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **NBR 6024:** informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

DORZIAT, Ana. **Educação de surdez:** o papel do ensino na visão de professor. Educar; Curitiba, n. 23, p.87-104, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n23/n23a07.pdf>>. Acesso em 07 jun 2019.

FERREIRA-BRITO L. **Integração social & Educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel; 1995.

FINAU, Rossana Aparecida. **Os sinais de tempo e aspecto na LIBRAS**. Tese de Doutorado, Curitiba: UFPR, 2004. <http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3604.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2019.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais**. Um estudo do morfema-boca. 2013. Dissertação do mestrado em linguística pela Universidade de Brasília.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; WEININGER, Markus J. (orgs.) **Estudos da língua brasileira de sinais III** / – Florianópolis: Editora Insular: Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A interpretação simultânea entre línguas e modalidades**. Veredas On-Line – Atemática – 2013/2 - p. 266-286 – Ppg-Linguística/UFJF – Juiz De Fora - ISSN: 1982-2243. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/14%C2%BA-ARTIGO.pdf>>. Acesso em 28 maio 2019.

RODRIGUES, Carlos Henrique; MEDEIROS, Davi Vieira. **O uso de mouthing na interpretação simultânea para a língua brasileira de sinais**. In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

RODRIGUES, Isabel Cristina; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. **Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras**. RBLA, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/aop5414.pdf>>. Acesso em: 08 jun 2019

RUSSO, Ângela; FISS, Dóris Maria Luzzardi. **Discurso, interpretação e tradução: a profissão TILS e seus sentidos na atualidade**. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso vol.13 no.3 São Paulo set./dez. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2176-457335402>>. Acesso em: 05 jun 2019.

SILVA, Giselli Mara da. **O processo de ensino-aprendizagem da leitura em uma turma de alunos surdos: uma análise das interações mediadas pela Libras**. RBLA, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 905-934, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820145558>>. Acesso em: 08 jun 2019.

SKLIAR, Carlos, (1999). A Localização Política da educação bilíngüe para surdos. In SKLIAR, Carlos (org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Medicação, 2v., p.7-14.

STUMPF, Marianne Rossi. Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Língua de Sinais no papel e no computador. 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. **Trabalho acadêmico: guia fácil para diagramação**: formato A5. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/GuiaRapido2012.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

WANDERLEY, Débora Campos et al. Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos de educação básica e de universitários surdos e ouvintes. 2012.

WHITE Chicks (Original) - As branquelas (Tradução). Direção de Keenen Ivory Wayans. Produção de Keenen Ivory Wayans. Eua: Revolution Studios, 2004. (115 min.), son., color. Legendado.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. **Diferentes pronúncias em uma língua não sonora?** Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/delta/v30n2/0102-4450-delta-30-02-0371.pdf>>. Acesso em 29 maio 2019.